O MALHO
ANNO XXXIV
NUMERO 89
14 - Fev. - 1935
Preço 1$200
Cofres e Escrinios
(Chronica no texto)
Walter Maya.

As amizades de um Homem de Genio são apenas inimizades domesticadas: os leões palacianos de Menelik. Essas amizades são formadas d'aquelles que não têm ainda forças para serem seus inimigos e d'aquelles que já não têm interesse algum em sel-o. — *Vargas Villa.*

O MALHO

Propriedade da S. A. O MALHO

Director: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Travessa do Ouvidor, 34-C. Postal 880

Telephones: 23-4422 e 22-8073 — Rio

Preços das assignaturas

Annual, 60$000 -- Semestral, 30$000

NUMERO AVULSO EM TODO O BRASIL 1$200

O proximo numero d'O MALHO

Entre outros assumptos da proxima edição, destacamos:

SERTÃO

Chronica de Sodré Vianna
Illustração de Luiz Sá

A PSYCHOLOGIA DO CARNAVAL CARIOCA

Chronica de Carlos Maul
Illustração de Berto

COVA DE CACO

Pensamentos de Berilo Neves

O RIO CIVILISA-SE

Poesia de Luiz Peixoto
Illustração de Théo

O AZULÃO

Conto de Carmen Annes Dias
Illustração de Fragusto

POPEYE

Conto de L. Soares Pinto
Illustração de Aloysio

DIALOGOS DE PRAIA

Charge de Yantok

SECÇÕES DO COSTUME

Senhora, supplemento feminino — De Cinema — Carta enigmatica — O Mundo em Revista -- Broadcasting em revista — Nem todos sabem que... — etc.

Caixa d'O Malho

COCHYLO (?) — Seu conto está quase bom. Falta-lhe, apenas, mais naturalidade. A visita da dama loura é um pouco forçada, a não ser que V., desde o começo, frise que o autor era o maior amigo do actor e que os dois viviam sempre juntos.

O mais são pequenos retoques nos dialogos. Faça estes concertos, que eu publicarei o conto.

J. A. V. (Bello Horizonte) — Publicarei, quando houver espaço, "Luzes da Estrada" e "Sorrisos".

J. FRANÇA CANOAS (Uberaba) — Se você tem lido esta secção, ha de ter visto que eu cheguei á situação de só acceitar para publicar versos muito bons. Sou mais tolerante com a prosa. Lei da offerta e da procura. Em outra occasião, é provavel que se eu publique os seus dois sonetos. Digo é *provavel* — porque cada qual tem o seu defeito: "Eterno cyclo" tem rimas agudas nos quartetos e não as tem nos tercetos "Aspiração" termina em um verso em que a necessidade de rima encaixou um verbo a martelo:

"A luz phosphorea que a illusão
| transpira".

Não sei quem é que transpira ahi. Mas garanto-lhe que, mesmo com todo o calor do verão, é difficil V. encontrar uma *illusão ou uma luz phosphorea que* transpirem.

SIMÕES DA COSTA (Rio) — As suas chroniquetas são fraquinhas e muito ingenuas. Faltalhes sangue, nervo, substancia. V. abusa de certos adjectivos, — por exemplo: *bonito* — o que augmenta a impressão de pobreza do seu vocabulario. Se eu fosse medico, recommendar-lhe-ia: — Calcifique a sua prosa!

JOEL (S. Paulo) — Desculpe a demora. A sua prosa rimada, embora bem rimada, não é boa prosa. Não é que eu implique com a rima ou com a prosa: as duas juntas, numa pagina que só tem isso, que nada diz, que nada visa, que se limita a rimar velhos chavões lyricos, é que não merecem publicidade.

CELSIUS (Rio) — Seu trabalho não está mau, embora as personagens sejam fugidias, e o final de um pathetico sediço que não chega a impressionar. A narrativa deflue com simplicidade, o que é uma boa qualidade, mas sem vigor. V. esqueceu-se de remetter o sello, conforme diz na carta. Mas vou guardar o seu trabalho, para que V. possa procural-o, quando quizer.

ANTONIO DE OLIVEIRA E SOUZA (Bahia) — No conjuncto do seu livro, não sei como ficará o trabalho que enviou a esta revista. Assim, isolado, conserva o sabor de uma historia mutillada, de que se ouve, apenas, uma parte. Tambem a maneira de narrar é muito descolorida, o que tira uma boa dóse de emoção do conto, cujo enredo é, não obstante, curioso e impressionante.

JOAQUIM DE QUEIROZ (?) — Como quer V. que eu publique os seus trabalhos, se os desenhos são tremendamente mal feitos e a literatura não é melhor? Se eu lhe abrisse as paginas d'O MALHO, todo leitor d'*O Tico Tico* se acharia com direito a occupar uma ou duas das nossas paginas, em cada numero. E V. mesmo seria o primeiro a perder a admiração que diz ter por esta revista.

R. G. S. (Barbacena) — O enredo poderia ser aproveitado, mas o conto está parecendo um relatorio. A narrativa não tem vida e perde o seu interesse, no seu molle desenrolar. A carta enigmatica foi para a secção respectiva.

FELIPPE CARILHO (?) — Sem graça tanto a anedocta, como o conto. Quanto á chroniqueta, parece uma composição de alumno applicadinho em portuguez. Mas isso não é literatura, ouviu?

PEDRO PRIMUS (Rio) — O bocadinho de graça que se evola da meia porção de poema que me enviou para analyse, não é mau, como amostra. Mande o poema por inteiro e vamos ver se vale a pena.

Dr. Cabuhy Pitanga Neto

OS PRODUCTOS QUE SE RECOMMENDAM

Ha productos que surgem sob o melhor dos designios e ficam desde logo destinados á eterna preferencia de toda gente. Dentre esses podemos referir o "Lacol", preparado que se recommenda ao laqueamento de moveis em geral, quer de madeira, quer de vime ou de junco, bem assim metaes de toda a especie. E' duravel e de uma excepcional apresentação.

Para recommendal-o basta assignalar a circumstancia de ser fabricado na Empresa Industrial de Tintas "Sardinha", a veterana de nossas tintas de escrever. Foi a fabrica fundada em 1876 pelo conceituado industrial José Alves Sardinha, sendo hoje dirigida pelos filhos, Dr. José da Cruz Sardinha e Orlando da Cruz Sardinha, os incansaveis e competentes continuadores da realização paterna.

Além da tinta "Sardinha" mantêm esses industriaes uma fabrica de tintas de pintura, esmaltes e vernizes e os productos "Desmo" e "Desmo-Pizo", de primeira qualidade.

Além dessas fabricas ha ainda uma outra de vidros, em Nictheroy que consome 80 % de materia prima nacional.

O "Desmo-Pizo" emprega-se na pavimentação de navios, sendo utilizado presentemente na pavimentação do couraçado S. Paulo, que conduzirá o Sr. Presidente da Republica ao Prata.

VIDA, MORTE, E OUTROS PHENOMENOS RESULTANTES...

HA homens que vivem porque não sabem morrer. Outros morrem porque não sabem viver. E ha outros ainda. Muitos outros. Os que morrem e ficam vivendo. Exemplo: Napoleão Bonaparte... Os que vivem e estão mortos... Esses, ahi, é mais difficil da gente dar exemplos delles. Mas vivem em quantidade. Em superproducção. Em massa. E em outras expressões de grandeza numeral... O meu carissimo amigo João Feliciano Gonçalves Cunha Campello de Andrade Mello vive porque já está sobejamente convencido de que não tem coragem de dar o fóra da vida. Pegou tres vezes e meia no seu revólver mas resolveu recollocal-o no seu logarzinho. Tres vezes, isso sim. A meia vez foi uma indecisão. O professor disse que elle era burro. Ficou triste. Quiz pegar no revólver. Pegou. Mas não chegou a erguel-o á altura do ouvido. Viu que o professor tinha razão... Continuou vivendo. Outros repetiram as palavras do professor, em se referindo a elle. Mas isso não é mais caso de suicidio... Suicidio por amor, elle resolveu evital-o definitivamente: deixou de amar... Mais pratico. Não tenham duvida sobre este ponto. E' mesmo mais pratico. Deixou de amar, e as tentativas de suicidio por parte delle até aqui ainda se conservam nas tres vezes e meia.

Mas a vida do meu amigo João Feliciano Gonçalves Cunha Campello de Andrade Mello é a coisa mais sem importancia do mundo. A mais mediocre. Portanto eu retiro a difficuldade de exemplificação dos que vivem e estão mortos, e metto a vida do meu amigo no rol delles. Fica muito bem collocada ahi. Póde até ser condecorado. Honra a classe.

Ha outros exemplos para dar dos que vivem e estão mortos. Mas eu não conheço lá muito bem os outros. E ainda mantenho intacto o instincto de conservação physica...

JOSE' CESAR BORBA

O Miranda — Não posso comprehender como você consegue que seu filho lhe escreva todos os mezes. O meu não é capaz disso.

O Rodrigues — E' facil. Eu escrevo-lhe dizendo que remetto um cheque dentro da carta e não remetto; faço de conta que me esqueci...

O CHRISTO VERMELHO

CORRE agora mundo a photographia obsediante duma imagem de Jesus que os revolucionarios hespanhoes levaram para uma barricada, cingindo-lhe este dramatico e imperativo letreiro: *Christo vermelho, por ser dos nosso te respeitamos.* Na sua mascara magoada, dolorosamente attenta, onde um divino queixume parece irradiar das pupilas abstractas de sonho e de piedade universaes, nada ha que negue, nem que confirme a sentença revolucionaria. Pouparam-no as balas. Na saraivada crepitante de metralha que o envolveu num halo de fogo e de polvora, ouviu os gritos dos feridos, o soluço dos moribundos, a colera demoniaca dos combatentes, talvez o choro das mulheres e as supplicas innocentes das creanças. Assistiu ao arrazar uma cidade, ao entrechocar violento de duas idéas até que uma cahiu, vencida pela força empolgante das circumstancias. Entre as ruinas, searas de mortos, levas de prisioneiros, e fanfarras de triumphadores, só elle ficou impassivel na sua magestade, sereno na sua dôr e universal na

sua doutrina. Mas caso curioso, dois dedos da mão que se erguiam num gesto de misericordia cahiram esmigalhados por um estilhaço de granada.

No entanto, elle desenha-se ainda, suggestivamente, no espaço como o sulco duma estrella, para quem o queira seguir, para quem o queira comprehender. Não será um symbolo? Acima do paroxismo das lutas, essa mão, embora mutilada, ainda vibra, palpita, ordena, supplica misericordia não para este ou para aquelle, mas para todos, sem distincção de facções nem de crenças. O seu olhar profundo parece atravessar a Hespanha, deter-se á porta das prisões, onde ha condemnados á morte, prescutar nos lares, hontem alegres, hoje cheios de choros de viuvez e da orphandade e, lentamente, como uma caricia de esperança cahir sobre o leito dos feridos, estancando-lhes o sangue das feridas crueis, das feridas inuteis. O que diz esse olhar? Qual é a sua mensagem? Qual a sua oração tão humana e triste, porque é quasi a medo, que Jesus a murmura, mostrando as chagas, que lhe abriram no Calvario numa noite tragica que, para sempre, aterrou o mundo e os homens?

Apenas isto: não matarás! E, de novo, elle se desprende da sua imagem carne que fica, espirito que vôa, numa madrugada clara de luz e de esperança, como ha vinte seculos, quando perpassou pela terra, não para condemnar, mas para perdoar!...

ARTHUR PORTELLA

A DECADENCIA DO PLAGIO

Não resta duvida de que o plagio, em materia de musica popular principalmente, é uma incriminação inocua e fóra de epoca.

Hoje em dia, quando todos os motivos melodicos estão exgotados, quando todas as combinações musicaes foram encontradas e exploradas, torna-se ridiculo accusar de plagiario ao auctor de um samba, de uma marcha, ou mesmo de uma canção.

Quasi sempre, nessas composições, forçado a procurar melodias que o povo possa decorar com facilidade, o compositor repete, sem querer, uma phrase já ouvida, um trecho qualquer que se reteve na ante-camara da memoria — que é sub-consciente.

Além disso, com a importancia cada vez maior que se dá á letra, busca-se dar a esta uma moldura musical condigna, sem indagar si ella é ou não original, ou mais ou menos original, mesmo porque originalidade rigorosa já não póde existir.

Que a musica case bem com os versos e que seja de immediata apprehensão auditiva — eis o ideal dos compositores populares do Brasil, da America do Norte, da Argentina, da França e de todo o mundo.

A menos que se trate de uma copia grosseira, da introducção ao final, verdadeiro caso de appropriação indebita não só da melodia como tambem do texto, o plagio é uma figura decadente no scenario da musica ligeira.

A ultima accusação desse genero foi levantada, entre nós, contra o samba "Foi ella", de Ary Barroso.

Varias outras, anteriormente, foram feitas a Lamartine Babo, Joubert de Carvalho e outros dos nossos melhores compositores, sem que nenhum haja conseguido outro resultado a não ser a maldicencia das conversas de café.

Para o publico tanto faz que a musica tal se pareça com a musica tal, ou coincida com oito, dez ou dezeseis compassos desta ou daquella.

A que conquistar a sua preferencia é que será, para elle, a melhor e a mais original.

O plagio está fadado, com a evolução da vida e a confusão vertiginosa dos tempos que correm, a constituir uma simples figura de museu, symbolo de uma epoca de virgindade espiritual que já vae muito longe...

O. S.

MUSICAS NOVAS

— Bomfiglio de Oliveira e Lamartine Babo fizeram uma marcha optima, intitulada "Marianna", que Carlos Galhardo gravou na "Columbia" e que Jayme Britto lançou, nos studios cariocas.

—:—

"Morena Imperatriz", marcha de Benedicto Lacerda, foi lançada em discos por Almirante, numa excellente gravação "Victor".

Gente nova

As fileiras do "broadcasting" carioca vão engrossando cada vez mais. Moças, moças feias, moças bonitas.

Meninos e senhoras, velhos e creanças, todos vão chegando e tentando iniciar-se, crear nome, ganhar dinheiro, ver os retratos nos jornaes.

O radio é o typo do ideal moderno...

Está claro que a maior parte das tentativas falham e o radio ganha mais um inimigo.

Vamos dar, hoje, uma relação dos elementos novos que os studios cariocas comportam, uns com maiores probabilidades, outros com menos, alguns já quasi consagrados, outros já consagrados como authenticas negativas.

Do sexo fraco:

Aggia Casatle, Ivete Canejo, Silvia de Toledo, Ivone Cabral, Maria Helena, Nilza Correia, Mary Kler, Lenita Moreno, Clarita Damasceno, Gloria Caldas, Nenen Simões, Mary Brophy, Clelia de Oliveira, Dirce Baptista, Alice Vieira, Lourdes Camera, Magda Silva, Lucy Maria, Graziella Neiva Gomes, Carmem Silva, Olga Nobre, Violeta del Rio, Ercilia Magalhães, Alice Figueiredo, Branca Mauá, Cléo Sliva, Lia Martins, Maria Luiza Teixeira, Celina Sampaio, Maria Cecilia, Elza Cabral, Solange Mara, Marilú Diva, Odette Amaral, Didi Martins, Sterlina Gomes, Maria Clara, Isis Silva, Ilidia Sobral e uma porção de outras.

Do sexo dito forte:

Joel e Gaúcho (dupla); José Gaspar Gouveia, Roberto Valenciano, Rubem Godinho, Pirajá Martins, Stenio Osorio, Waldemar Ferreira, Fernando Alvarez, Orlando Ferreira, Orlando Paiché, Ernani Miranda, Oscar Miranda, Carlos Santos, Aymoré Sobrinho, João Conde, Paulo Chaves, Abel do Patrocinio, Roberto Borges, Romulo Oliveira, Amado Regis, e mais uma, duas ou tres centenas de nomes a que não estão habituados os ouvintes.

Pelo exposto, o Brasil deixou de ser o paiz dos poetas para ser dos cantores de radio...

FLAGRANTES DE STUDIO

Os cantores Jonjóca, Jorge Murad e Silvio Caldas (de costas).

RADIO CARICATURA POR JOCAL

CITEM OS AUTORES

Um novo movimento no sentido de forçar as estações recalcitrantes a citar os nomes dos auctores está se processando nos meios de radio.

Nova representação á S. B. A. T., foi dirigida por cerca de duzentos compositores e poetas, dando-lhe poderes para não autorisar a transmissão de numeros dos seus associados sem o cumprimento dessa exigencia.

Nenhuma estação de radio, si não fôra a acção pouco energica da S. B. A. T., estaria desrespeitando o direito de citação que a lei essegura aos auctores.

Vamos ver si desta vez, com a nova representação, as cousas entram nos eixos, não só aqui no Rio como em S. Paulo, onde, segundo sabemos, ainda não tomou conhecimento do assumpto.

"Vejo brilhar uma nova lua", foxtrot do film "Folias de Estudante", é uma das ultimas musicas posta em circulação. A versão brasileira é de Aldo Nery e Arnaldo Pescuma foi quem a lançou pelo radio.

Duas grandes victorias de P. R. A. 8

A VOZ DO NORTE

O Radio Club de Pernambuco recebeu as duas seguintes cartas:

"66 Main St., Hamilton, New-York-U. S. A.

Radio P. R. A. 8 (Pernambuco).

Gentlemen:

Some months ago, I heard a station on about 4970 5970 KC (50 metros) announcing as PRA8. At that time, I did not konw the location of PRA8, so I wrote to Rio de Janeiro. However, I did not receive any reply to my report on this station, so I let the metter drop.

Now, I have secured address of PRA8, and I again sending this report in the hope that I may obtain the information on this station, and a verification of my reception. Here is the log:

APRIL 1, 1934 5970 kc. (50 metros).
610 PM Est (hora de Nueva York).
man sings, in English.
Next, man sings e tango.
617 man sings.
637 ½ "We Want Cantor"
Cantor sings —
644 "Now is the Time to Fall in Love"

I heard many other songs, but these are the only ones of which I knew the name. The announcement of "PRA8" was heard several times.

Whether this was your station, or some other S. W. station, relaying programs, I do not know.

I would greatly appreciate a verification of my reception, and please tell me whether you to be on short waves regularly or not.

Hopping to hear from you soon, I remain,

Very gratefully yours.
(ass.) **H. S. Bradley.**

—

"São Paulo, 17 de Novembro de 1934.

Illmos. Snrs. Directores do Radio Club de Pernambuco.
Av. Cruz Cabugá, 394 — Recife.

Amos. & Snrs.

Tendo presente v/ favores, que agradeço, é com prazer que levo ao v/ conhecimento que continúo captando, perfeitamente bem e com a maior nitidez possivel as v/ irradiações em onda curta a partir das 18,30, notando, porém, que essas transmissões terminam muito cedo. E' a v/ Estação um orgulho para nós Brasileiros, o possuirmos possante Estação que leva ao Extrangeiro a voz do Brasil, mostrando ao acoimado "mundo civilizado" que aqui no Brasil tambem temos comprehensão de progresso.

Muito agradecida me informassem se já estão transmittindo com 1 kw. de corrente modulada na antena, para anotar em m/ quadro de Estações.

Como estou procedendo á montagem de uma estação transmissora "embora" breve os avisarei de sua inauguração.

E' com pesar que noto na ultima lista recebida de New York, que a v/ Estação não figura entre as estações de onda curta do Mundo, solicitando-lhe, por esse motivo uma carta de Vv. Ss. em resposta á presente, afim de a remetter a meu Agente em New York, afim de retificarem essa citada lista, pois a unica estação transmissora em onda curta que figura é a PSK (PRA 3) Radio Club do Brasil.

Sem outro motivo de momento, agradecendo caso possivel uma photographia de v/ transmissor, aproveito o ensejo para me firmar com a elevada estima e distincto apreço de

VV. SS.
Amo. Atto. Obrd.
(a) **Antonio de Freitas**

Domingo, 2 de Dezembro de 1934. **Diario da Manhã.**

A VOZ DO OUVINTE

Ao redactor radiomaniaco do "O Malho" — Então, o Sr. não está satisfeito de ouvir os facões do nósso impagavel "broadcast" e ainda quer escutar a "Voz do ouvinte"? Que maganão! Pois então lá vae pedra! Eu cá, "estupore", só gosto de ouvir o q'rido Manoel Monteiro, a flor dos cantores de fados, as "Horas Luso-Brasileiras", do Pinto Filho, as "Horas Portuguezas", da Educadora, e tudo o mais que cheira a "Vasco da Gama". Entendeu, seu coisas? No radio é no foot-ball, sou do lado lusitano, apesar de ser brasileiro de quatro costados. E ninguem me convence que não tenho razão. O meu fado é gostar do fado que é melhor do que todos esses sambas cretinos que andam por ahi. Tem um cheirinho de bacalhau e de caldo verde que me faz bem. E é isso. Para terminar, vá ao raio qu'o parta. Gostou? — Cruz de Malta.

—:—

A' Redacção d'"O MALHO" — Nesta. Sou uma humilde ouvinte de radio e admiro, acima de todos os cantor Mauro de Oliveira, o melhor cantor de tangos que possuimos. Para mim não ha egual. E' o que pensa a leitora — Stella Marly.

—:—

Para "O Malho"
"Voz do Ouvinte"

PILULAS...

Abro a chronica. Falando difficil: "Oh brisas sutis, alviçareiras e bonaosas"! Isso é um sacrificio. Em acção de graças pela folga opportuna que Lely Morel deu ao ouvintes Regozijemo-nos.

—:—

A PRD5 continua dando magros sandwches de bôa musica. Com a explosividade de uma feijoada, uns discursos enfadonhos tambem.

— Fala PRD5 Radio Educacional. Bôa piáda.

—:—

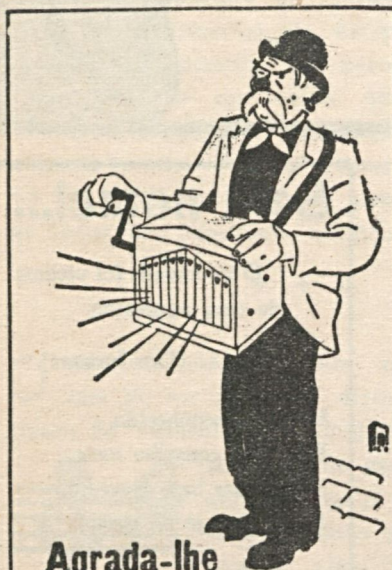
— E o Bando da Lua? Que tal?
— Optimo, amigo, optimo.

—:—

E na Mayrink Veiga no programma do almoço Sandoval Borja. Que pianista esplendido!

I. G. R.

SYNDICATO DE RADIO

Já estão adeantados os trabalhos para syndicalisação da classe dos artistas e interessados na actividade do radio nacional.

Os estatutos já foram lidos e a eleição da primeira directoria estava marcada para o dia onze do corrente, quando se deve ter realisado.

Dada a antecedencia com que são redigidas estas linhas, só no proximo numero daremos o resultado do movimento syndicalista que interessa o radio carioca.

GALÃS DOS STUDIOS

Com a revoada de mocinhas e senhoras pelos nóssos studios de radio, todas ellas desejósas da gloria de apparecer atravez dos microphones, formou-se, á margem desse empenho, uma numerosa casta de conquistadores no "broadcasting" carioca.

O galã figura de maior ou menor prestigio no ambiente, acerca-se da candidata e promette-lhe mundos e fundos, sempre que esta, pelo seu physico, desperte o seu interesse.

Está claro que dotes artisticos não são levados em conta...

Quem tem boa voz, quem canta bem, de verdade, precisa apenas de uma opportunidade e logo depois se liberta de tutores e protectores.

Mas, como isto é cousa rara, a classe dos conquistadores de radio vae augmentando cada vez mais, á medida que novas representantes do sexo fraco procuram intimidades com os microphones.

Elles tomam o logar destes, no caso...

E vão, aos poucos, se insinuando, estudando o terreno, valendo-se do prestigio que por accaso desfructem.

Conhecemos varios casos de cidadãos que, por serem directores de orchestra, "speakers", e até gerentes de publicidade, têm usado desses porcessos, na maior parte das vezes, aliás, coroados do mais absoluto fracasso...

Somos de opinião que as direcções das estações cariocas precisam de fiscalisar essas actividades nos seus studios.

Do contrario, dentro em breve, nenhuma moça que se preze poderá entrar...

O QUE VAE PELOS STUDIOS

Gina Cruz, cantora patricia que se consagrou deante dos microphones argentinos, sendo, mesmo, pouco conhecida do nosso publico, acha-se agora entre nós, contractada que foi pelo "Radio Club do Brasil".

—:—

Aurora Miranda já gravou, na "Odeon", para depois do Carnaval, duas lindas composições de Ronaldo Lupo, o auctor que venceu com o "Samba da Saudade".

—:—

Mario de Azevedo adoptou mais um pseudonymo. Depois de ser Fabio d'Argel, e Edgar Casé, passou a ser Renato Ladeira, nome que o Cesar poz em moda. Quando será que elle voltará a ser Mario de Azevedo?

—:—

Uma voz que tem attrahido centenas de ouvintes para a "Cruzeiro do Sul" é a de Christina Maristany, que é, sem favor, uma das nossas melhores cantoras.

CONVITES... SEM CONVITES

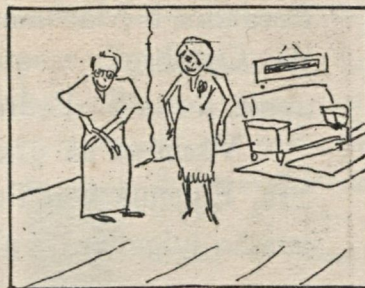
Parece que está na moda.

Ha dias, fazendo uma gentil visita á nossa redacção, a Sta. Dallila de Almeida convidou-nos para assistir ao acto da sua coroação, no "Theatro Recreio", por ter sido eleita no concurso do semanario "Synthonia", a rainha do radio carioca.

Estavamos dispostos a acceitar, mas a Sta. Dallila esqueceu-se, decerto, de deixar os ingressos para que pudessemos estar presente á sua coroação...

Depois, fomos tambem convidados por Lamartine Babo para ir ao festival que elle e Barbosa Junior fizeram no "Carlos Gomes", defendendo a apresentação de suas musicas carnavalescas.

A empresa Segreto já havia reservado, segundo elle, as nossas localidades.

Estas, porém, não chegaram ao nosso poder, até o dia da festa, e assim tambem não podemos gosar as barbosadas e as lamartinadas, nem enviar o nosso photographo, que, ás vezes, é o unico convidado com verdadeiro interesse...

A creada — A patrôa dá licença que eu saia hoje mais cedo?

A patrôa — E para onde vaes, Antonietta?

A creada — Vou cantar, hoje, na "Radio Elite"...

A DISSOLUÇÃO DO "PROGRAMMA CASÉ"

Conforme noticiámos ha dois ou tres numeros passados, o "Programma Casé" vae encerrar a sua actividade dentro de poucos dias, em consequencia de não haver a "Radio Sociedade" renovado o contracto para sua transmissão.

Não dispondo de outro microphone em condições de satisfazer as suas necessidades de divulgação, Adhemar Casé prefere encerral-o no apogeu do seu exito, a fazel-o depois de peregrinar por outras estações sem efficiencia, perdendo aos poucos o grande publico que o preferia.

Assim, segundo se espera, no proximo domingo 17 se fará ouvir, pela ultima vez, a sirene annunciadora do "Programma Casé", a menos que um entendimento de ultima hora modifique o que está assentado.

—:—

Fala-se que varias estações repartirão entre si os elementos de maior destaque do tradicional "Programma Casé".

Marilia Baptista e Almirante talvez se contractem com a "Cruzeiro do Sul", onde já está Boby Lazzy.

Moacyr Bueno Rocha ingressará na "Philips", de cujo microphone a sua voz é antiga namorada, nelle havendo estreado e se mantido durante muito tempo.

Mauro de Oliveira ainda não sabia por qual se decidir, já tendo recebido varias propostas.

Alda Verona, que nunca foi exclusiva de nenhuma organisação, figurando em varios "casts", continuará no "Radio Club" com a serie de operetas que ali se transmitte.

Outros artistas, bem como a orchestra, tomarão rumos que só mais adeante poderão ser dados.

GENTE DE RADIO

Manoel de Lima (violão) e Inadyr Moraes (pandeiro) dois elementos das nossas orchestras de radio.

LIVROS E AUTORES

A. Leterre — "HILARITAS" — Livraria Editora da Federação — Rio, 1934.

Após escrever "Jesus e sua Doutrina", em que examinou a Doutrina do Divino Mestre á luz das razões espiritas A. Leterre escreveu para a Livraria Editora da Federação Espirita o trabalho que temos em mão. "Hilaritas", no qual combate muitas das instituições catholicas.

Os adeptos do espiritismo terão na presente obra uma leitura interessante, que não agradará, por isso mesmo, aos catholicos.

Yáyá Ribeiro — "QUATROCENTAS RECEITAS DE DOCES" — Livraria Globo — Porto Alegre, 1934.

Numa vida cheia de amarguras, em que a sorte nos prova de tantos modos, só ha um meio de a gente adoçal-a um pouco: devorar doces. Para isso, D. Yáyá Ribeiro, que os fez durante muitos annos, experimentando-os e aperfeiçoando-os, offerece-nos nada menos de 400 receitas. Quer dizer que poderemos experimentar um por dia e dois aos domingos. Quanta doçura!

Aspecto do encerramento da Exposição de Bordados á Machina das alumnas da "Aula 12 de Outubro", mantida pela casa do mesmo nome, á rua S. Pedro 595.

Vêem-se na gravura a directora da Aula Sra. Eugenia von Poser, os membros da commissão julgadora e alumnas diplomadas.

Sem nome!...

O Felicidade foi victima de uma aggressão.

(Dos Jornaes)

Amigo desconhecido,
Este meu conselho tome,
Si quer ser bem succedido:
Mude já e já de nome.

Os pratos mais saborosos,
Os petiscos excellentes,
Nos restaurantes rançosos
Trazem nomes differentes.

Dabril.

Nem todos sabem que...

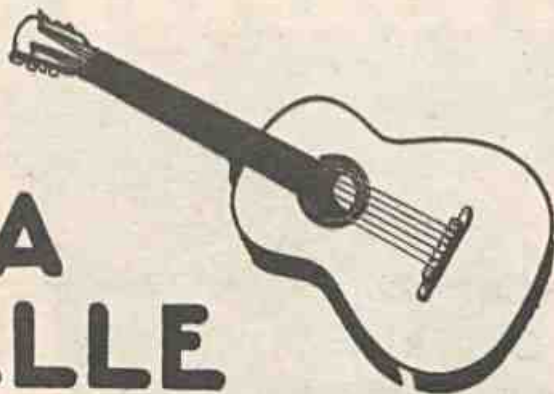
As côres, que entram na composição dos pavilhões representativos das nações, são apenas sete: o vermelho, o azul, o branco, o amarello, o verde, o preto e o grénat.

E' o vermelho que se vê mais frequentemente: 54 vezes. Vêm em seguida: o branco, 51 vezes; o azul, 41; o amarello, 30; o verde, 17; o preto, 5, e o grénat, 1 vez. O grénat acha-se incorporado no emblema nacional da Polonia. Os pavilhões onde figuram mais côres são: o da China, o da Guatemala, o do Haiti, o da Italia, o do Mexico, o do Paraguay, o do Perú, etc. Cinco côres cada um. Dois paizes sómente adoptam uma côr: o Zanzibar e Marrocos.

O bambu-botão da Malasia é comestivel. Attinge a grandes proporções e fornece, além da madeira, um volumoso legume. Cresce rapidamente. Differe de seus congeneres comestiveis da China, por apresentar todas as caracteristicas do bambu ordinario indico. Para comer o bambu-botão, cortam-se os brotos novos ao nivel do pé, no momento de alcançarem 30 centimetros de altura, segundo a grossura da haste. Esta, antes de ser cozida, deve soffrer a phase do "embranquecimento". Os malaios conservam esse bambu de môlho durante seis mezes. Então é que se torna um excellente condimento.

✣ ✣ ✣

O eminente maestro Felix von Weingartner vem de ser nomeado director artistico do Opera de Vienna, cargo ambicionado pelos compositores de genio. O Sr. Weingartner, que já esteve entre nós, tendo-se feito applaudir no Municipal, além da nova missão artistica que lhe offertaram, é director do Conservatorio e dos Concertos Symphonicos de Basidéa (Suissa). Weingartner é natural de Zara (Dalmacia) e veiu ao mundo em 1863. Seu pae foi director dos Telegraphos em Zara. O filho começou seus estudos de musica em Leipzig (Allemanha). Regeu as orchestras de Koenigsberg, Dantzig, Hamburgo e Francfort. Em 1899, nomearam-no director do Opera de Mannheim e, em 1891, director da Orchestra real de Berlim. Depois, foi successivamente regente da philarmonica Kalm, de Munich e director do Opera e das orchestras de Vienna.

Em 1911, Weingartner deixou a capital austriaca, mas para lá voltou em 1919, afim de tomar posse da batuta do Opera Popular.

O desenvolvimento, em França, do consumo de sellos, tem augmentado consideravelmente. Em 1849, foram fabricados 51.807.300 sellos. Em 1933, as officinas do boulevard Brune puzeram em circulação nada menos de.... 4.184.161.738!... Os francezes devem a instituição da franquia postal a Garnier-Pagès, ministro da Fazenda em 1849.

O Brasil, a Suissa, os Estados Unidos, a Belgica e a Russia adoptaram os sellos mais cedo.

O grande concurso de Cinema promovido por CINEARTE

O assumpto do dia entre os nossos "fans" é o original e interessante concurso promovido pela revista CINEARTE, denominado: **Album-Concurso-Cinearte.** — Além do leitor dessa querida revista ficar possuidor, gratuitamente, de um lindo e artistico album contendo as photographias dos mais notaveis artistas da tela, concorrerá com o numero que vem impresso na capa do **Album** a um sorteio em que serão distribuidos 50 premios valiosos num total de 10 contos de réis.

Em todos os numeros de CINEARTE são publicadas seis e mais photographias dos artistas de cinema que devem ser recortadas e colladas nos respectivos espaços do **Album**.

No numero de CINEARTE que está em circulação, vêm as explicações detalhadas desse grande e original certamen.

Casas que distribuem gratuitamente o "Album Concurso CINEARTE"

Redacção de CINEARTE — Travessa do Ouvidor, 34; Shell Tox — Praça 15 de Novembro, 10; Radios Pilot — Av. Mem de Sá, 100; Academia Scientifica da Belleza — Assembléa, 115-1º; Casa Cirio — Ouvidor, 183; Silva Araujo & Cia. Ltda — R. 1º de Março, 13/15; F. R. Moreira — Av. Rio Branco, 107/109; Casa do Bastos — Rua Uruguayana, 19; Biscoitos Aymoré Ltda. — Rua da Quitanda, 108/110-2º andar (propaganda); O Camiseiro — R. Assembléa, 28/32; Optica Ingleza — Rua S. Pedro, 80; De Faria & Comp. — Rua S. José, 74; Ao Bicho da Seda — Av. Almirante Barroso, 13

Os Albuns são encontrados nas capitaes e cidades do interior, com todos os vendedores de CINEARTE e são distribuidos gratuitamente.

o malho

A SUAVE VOLUPIA

Bernard Shaw, o escriptor que só tem velhice nas barbas brancas e é o permanente escandalo da Inglaterra, acaba de voltar de uma dessas longas viagens que todo inglez faz com mais facilidade do que nós vamos a Nictheroy.

E declarou:

"Em todos os paizes civilisados, eu pude constatar que os homens são infelizes e vivem em grande tensão nervosa. As pessoas, nos paizes menos civilisados, são mais felizes e menos preoccupadas."

Não acho necessario fazer uma porção de vezes a volta do mundo como Bernard Shaw para chegar á mesma conclusao. Não é mesmo preciso sahir do nosso bairro.

Civilisação?

O que é a civilisação senão um accumulo de novas preoccupações e de novos attentados contra a tranquillidade?

A civilisação é uma fabrica de neurasthenia.

Cada novo invento, cada cousa feita para o conforto é uma fonte de desassocego.

André Maurois cita estas palavras de Wilde a Gide:

— "A felicidade, não. Nunca a felicidade!... O prazer! Deve-se sempre desejar o mais tragico"

Neste caso, pensando assim, nada melhor do que a civilisação. Ella tira a felicidade, mas dá o prazer, e, com o prazer, a tragedia — a tragedia dos orçamentos que estouram, da vida intranquilla, das ansiedades, das desordens e por fim a tragedia do cansaço e da neurasthenia.

Os povos mais civilisados são os mais inquietos e os que menos conhecem a doçura de viver.

A humanidade nunca foi mais infeliz do que nos dias de hoje, depois dos Edisons, dos Fords e dos Marconis.

Seria o caso de voltar atraz e procurarmos a innocencia da edade da pedra? Quem sabe!...

Dá-se com os povos o que se dá com os individuos que entram pelos prazeres tragicos do espirito e vão civilisando a intelligencia com o veneno do saber. Não pódem mais parar.

Por isso, a civilisação tem que ir sempre para a frente, fazendo cada vez mais os homens menos felizes.

Para a humanidade como para os homens, o dia mais melancolico da existencia foi o dia em que elles começaram a dizer certinho o **a-b-c...**

Nesse dia, elles perderam o que tinham de melhor e de mais ingenuo — a suave volupia da ignorancia...

BENJAMIM COSTALLAT

Cambio a 0

Por BERILO NEVES

Dá-se o nome de cambio á gangorra das moedas: emquanto uma sobe, outra desce, — e emquanto sobe uma e desce outra, muita gente fica rica... A sciencia do cambio consiste em ficar no eixo da gangorra, que é sempre o mesmo, suba quem subir e desça quem descer.

* * *

Um homem rico casado com uma mulher bonita é cambio ao par: está no valor exacto. Uma mulher feia casada com um homem bonito é cambio acima do par: foi melhor do que ella esperava... Uma mulher feia casada com um homem feio e pobre — é cambio a 0, ou falta de cambio. Não ha, na praça, quem dê, pelos dois, dez réis de mel coado.

* * *

A moça solteira é **papel moeda**, mais ou menos conversivel, conforme a idade, a educação, a belleza, a falta de juizo, etc. etc. Se vem a casar, é moeda de ouro... **cunhado.** Faz-se a troca na Càixa de Converção (diz-se que é papel queimado) e ella passa a desempenhar, na sociedade, um novo papel...

* * *

Quando a moça custa a casar, a vida encarece, em casa. O cambio da familia baixa, e as transações com o exterior tornam-se penosas (compra de vestidos, chapéos, etc.) Ninguem quer financiar a elegancia da dama. Os titulos baixam no exterior (leia-se vizinhança). Os paes evitam **emittir** opiniões sobre os offertantes (namorados) que se apresentam na Bolsa familiar. Qualquer um serve, contanto que fique com a moça, sem protestar os titulos dos velhos e sem quebra... no padrão.

* * *

Casa em que ha muita moça casadoira é como um paiz que abusou do direito de emittir papel moeda: um caso legitimo de inflacção. A circulação fiduciaria excessiva enfraqueceu o valôr do papel-moeda. A' proporção que as solteironas crescem na idade, o cambio da familia desce na escala dos valores reaes. E' preciso, nesse caso, queimar algumas, como se faz ao café, ou deital-as á Guanabara, com uma pedra no pescoço...

* * *

A solteirona convicta é o typo do papel moeda inconversivel. Não serve para forrar paredes como as antigas "coroas" austriacas, nem para rotular garrafas de cerveja, como os velhos marcos allemães. A solteirona é uma fallencia humana...

* * *

As viuvas são cedulas que já valeram ouro e que, agora, sem lastro visivel, vivem das "rendas" e "bordados" que apprenderam em tempo de moça... Se têm montepio, podem ser trocadas com grande abatimento de accordo com a escassez de damas no mercado. Se tornam a casar, o cambio sobe e os **titulos do defunto** são citados a todo momento (sobretudo se **elle** era importante...)

* * *

Fixar o cambio em certas casas é tão difficil como prender as mulheres nas ditas... 90% dellas pensam que, nas ruas, é que hão de achar quem as **converta**... em ouro.

* * *

O casamento é uma **operação** arriscada, feita com titulo cujo valôr nunca se sabe ao certo. Só depois de casados é que verificamos **a taxa** que nos coube no incerto cambio da felicidade humana. A's vezes, essa taxa é tão vil que preferimos matar a esposa e recorrer, serenamente, ao **banco**... dos réos.

* * *

Em materia de amor, dar credito em excesso só serve para desacreditar o banqueiro...

* * *

O coração é como o cambio: toda vez que muda, radicalmente, de casa, enriquece a uns e desgraça a outros...

* * *

Quem se dá ao luxo de ter sentimentos é como quem joga na Bolsa: deve contar, sempre, com as baixas repentinas. Os apaixonados são individuos que não admittem senão a hypothese da alta...

* * *

A gratidão é um modo atrazado de pagar uma conta que cahiu em exercicios findos...

Só é feliz o amor em que os dois socios são honestos. Quando um lesa ao outro, é porque a sociedade já não é, mais, limitada...

* * *

A esperança é uma especie de **reserva metalica** que a gente guarda para as horas difficeis do amor...

* * *

Os aborrecimentos são os impostos de consumo do amor: ás vezes, elles são tão pesados que absorvem todo o lucro dos negocios...

* * *

A confiança é o credito em torno do qual giram todos os negocios do coração. Quando se diz "mais amor e menos confiança" diz-se uma asneira psychologica e cambial.

* * *

O amor é, hoje, um phenomeno puramente cambial. O coração é um pendulo que oscila com o movimento dos negocios mercantis. O seu faro pelo ouro é tão grande que substitue o azougue na procura do dinheiro enterrado: basta soltar, no chão, um coração de mulher seculo XXI...

* * *

Quanto mais circula uma cedula, mais confiança se tem de que ella seja verdadeira. Dá-se, com a mulher, precisamente o contrario: quanto mais passa pelas mãos dos homens, mais falsa fica...

* * *

Mulher dentro de casa é moeda dentro da gaveta, nunca se sabe se são de bôa qualidade. Mulher e moeda só se sabe se prestam quando se tenta trocal-as... por outras.

* * *

A infalibilidade nos negocios, como no amor, tem sido a causa de grandes desastres e ruinas, no mundo. O homem, quanto mais intelligente é, menos infalivel se julga...

* * *

A mesma cedula que está hoje, orgulhosa e tranquilla, no cofre forte de um millionario, póde encontrar-se, amanhã, na gaveta sebosa de um sapateiro... Todas as cousas mudam, inclusive o destino das cedulas. Aviso ás moedas verdadeiras e ás mulheres falsas...

O entrudo

CHRONICA de HERMETO LIMA

ANTIGAMENTE, no tempo do entrudo, que terminou ahi por 1858, o povo brincava no carnaval atirando limões de cheiro, que custava um vintem cada um e que era o sustento de muita familia pobre do Rio de Janeiro.

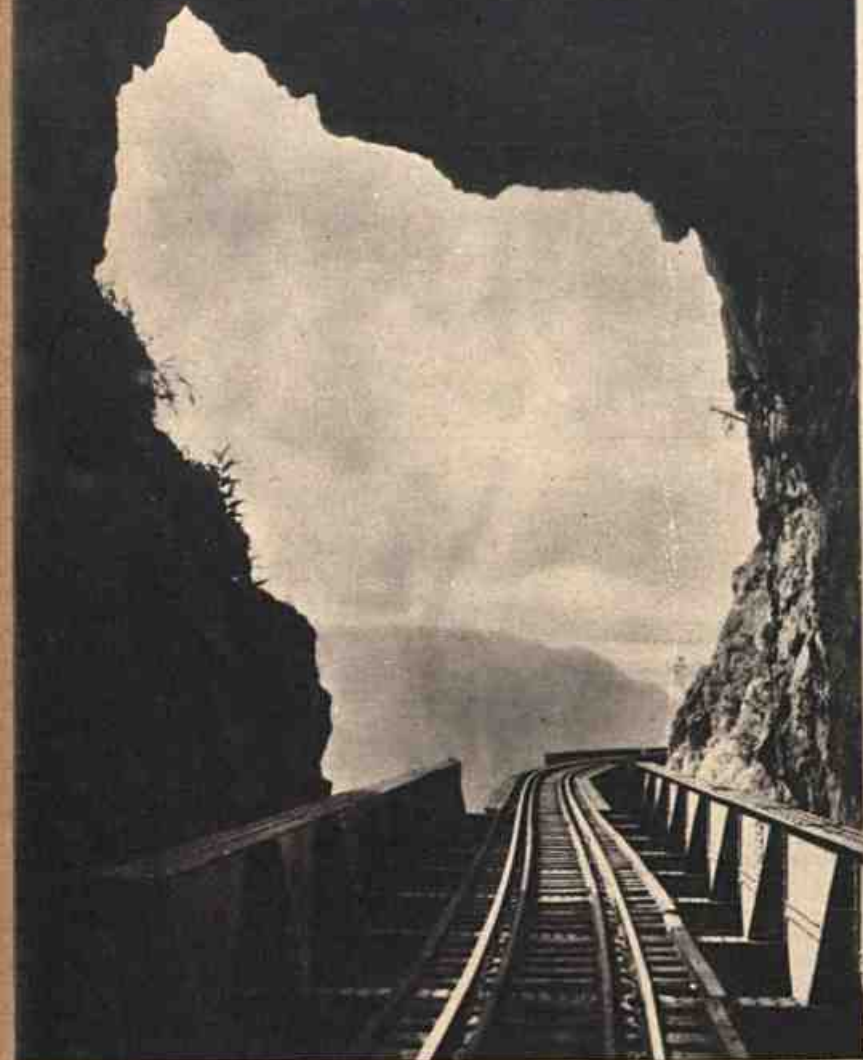
Logo que se approximava o Carnaval, as moças e as mucamas da casa começavam o fabrico dos limões. Tinham fama os de uma familia moradora á rua do Rezende, que os fazia mais perfumados e mais bem acabados. Nos dias proprios, moleques e creolinhas sahiam pelas ruas a vender os limões, gritando o mais que podiam. Eram de ensurdecer as vozes de "Olha o limão de cheiro" que se ouviam por toda a cidade.

Na praça Tiradentes, nesse tempo largo do Rocio, é que se accumulavam os foliões. O Café do Braguinha, a Loja de Paulo Brito, eram o centro das diversões dos rapazes no tempo do entrudo. Mas o povo, no fervor da alegria, não se contentava apenas em atirar limões de cheiro. Começavam por elles, em seguida vinha o copo d'agua, jarros, baldes, a principio de agua christalina, mas, depois, a de qualquer especie que fosse encontrada mais á mão. Sahir de cartola nos dias de carnaval ninguem se atrevia. Fosse quem fosse, era vaiado aos gritos de "Olha a jaca!... Tira a jaca!... Abaixo a jaca!..." De longe em longe lá surgia um mascara. Era um diabinho ou um diabão. Destes o povo sempre se acautelava. Era voz geral que eram capoeiras celebres, que traziam na ponta da cauda, afiada navalha com a qual, em dado momento feriam os que delles se pproximassem.

Muitos e muitos annos levou o carioca brincando o entrudo. Não havia chefe de policia que lhe désse o golpe de morte. A imprensa reclamava, os medicos declaravam que elle era um perigo para a saude da população. Tudo era improficuo. Afinal, veiu um chefe de policia, o Dr. Antonio Joaquim de Siqueira, que antes do carnaval, fez publicar um edital, prohibindo terminantemente o entrudo, sob pena de prisão. A população fez cara feia, mas acabou concordando e obedecendo as ordens policiaes. Prohibido os limões de cheiro, era preciso um succedaneo. Vieram os estalos, que estiveram em voga durante muitos annos, mas que tambem acabou sendo prohibido pela policia pelos inconveniente que traziam. Em 1893, importados da França, appareceram pela primeira vez no Rio de Janeiro os confetti. Leves, inofensivos e bellos a população recebeu-os de braços abertos. Na terça feira de carnaval desse anno já não havia mais nem um saquinho a venda. No anno seguinte, alguns industriaes daqui mandaram buscar as machinas para o fabrico e o consumo foi immenso. As ruas, especialmente a do Ouvidor, ficaram calçadas desses papelinhos. Mas, como nasceu o confetti? Encontramos a sua origem na revista parisiense "Mon Journal" de 1 de Março de 1924. Appareceram pela primeira vez nas festas do "mi-careme" de 1892, em Paris e nasceu á idéa de um industrial francez, fabricante de saccos para a criação dos bichos de seda, deparando com dois de seus empregados a brincar, atirando um sobre o outro, punhados de rodelinhas de papel que sobravam, provenientes dos furos feitos nos referidos saccos. Achou o industrial a brincadeira de um bello effeito e veiu-lhe á idéa fabricar as mesmas rodelinhas para o povo se divertir nas festas de "mi-careme". Foi a sua fortuna. O povo recebeu a novidade com grande satisfação. Mas que nome dar ás rodelinhas de papel? Era uso na Italia o povo brincar no carnaval, com umas bolinhas feitas de assucar e gesso e que ao menor choque ficavam reduzidas a pó. Chamavam os italianos confeti, porque se pareciam com um confeito de assucar.

O industrial francez entendeu que as rodelinhas de papel de seu fabrico podiam ter o mesmo nome. E assim nasceu o confetti.

O entrudo no Rio de Janeiro em 1858.

Uma grande obra de nossa engenharia

Sahindo do tunnel do Viaducto Carvalho, a pique sobre o abysmo.

oooOooo

Uma photographia historica: a inauguração da E. F. do Paraná. Vêem-se, na estação de Morretes, engenheiros que trabalharam na sua construcção, entre os quaes Teixeira Soares, assignalado por uma seta. Ao fundo a primeira locomotiva que trafegou nessa estrada.

Ha poucos dias commemorou-se a passagem do 50.° anniversario da construcção da estrada de ferro do Paraná.

Obra notavel da engenharia brasileira e da politica de penetração que já inspirava os estadistas do Segundo Imperio, essa estrada, ligando o porto de Paranaguá a Curityba e prolongando-se, depois, até Ponta Grossa, ella representa um grande esforço da energia brasileira e uma extraordinaria victoria da nossa engenharia sobre um meio hostil e difficil.

Para ligar o litoral paranaense ao interior da terra dos pinheiros, é necessario atravessar a Serra do Mar e ter feito essa travessia com exito e de maneira brilhante com os meios de que dispunha ha cincoenta annos, é que constitue o facto de que, muito justamente, póde orgulhar-se a nossa technica.

Ahi tambem se acham os aspectos pittorecos e turisticos da estrada, pois que para chegar, de Paranaguá a Curityba, a estrada de ferro do Paraná atravessa magnificos valles, levanta-se sobre abysmos escancarados, rodeia grotões e leva os seus trilhos triumphantes, atravez de um percurso accidentadissimo, numa altitude de 1000 metros aproximadamente até o ponto visado.

O cincoentenario dessa grande obra da intelligencia e da energia brasileiras foi commemorado como um dos feitos mais notaveis do nosso heroismo — desse heroismo pacifico, que constroe, em vez de destruir e semeia obras, em vez de ceifar vidas.

Bem haja aos brasileiros notaveis que puderam realizar tão nobre façanha — Rebouças, Teixeira Soares, Ferrucci, e seus denodados companheiros e auxiliares.

O viaducto Taquaral, outro trecho interessante da via-ferrea Paraná-Curityba.

Uma curva em plena Serra do Mar

Um dos trechos difficeis da Estrada de Ferro do Paraná.

A Austria em face da nova Europa

Por DE MATTOS PINTO

Palacio do Parlamento

Residencia de verão dos imperadores da Austria

Palacio Imperial de Vienna

O thema da independencia da Austria, voltou a fatigar a diplomacia da Europa sempre inquieta e sempre insatisfeita, com os seus litigios e os seus tratados. Vem se realizando em Londres, conversações franco-britannicas, no sentido de fixar na geographia politica européa, os limites definitivos da Austria, antiga alliada da Hungria, companheira dos Imperios Centraes, na conflagração de 1914. O problema austriaco se confunde com os maiores acontecimentos internacionaes do seculo XIX e do seculo XX.

Violentas e mortiferas, as intrigas do Danubio, desorganizam com intervallos mais ou menos longos, o equilibrio da Europa Central. Umas após outras se desencadeam as batalhas de conquistas, que os tratados de paz legalizam, para gerar novo litigio reivindicador. Exemplos modernos? Pelo seu Artigo X, o Pacto da Sociedade das Nações estabeleceu á integralidade de todos os paizes, sahidos do TRATADO DE VERSAILLES. Divergencias territoriaes separam, porém, a Rumania, Polonia, Inglaterra, Hungria, Italia, França, Yugoslavia. A insufficiencia material e juridica da SOCIEDADE DAS NAÇÕES, convocou os povos danubianos, de que se devem alliar para defender e garantir a subsistencia, em face dos poderosos Estados. Assim nasceu a PEQUENA ENTENTE, expressão politica e militar, que repudia a revisão dos tratados.

Povoado por multidões de raças, que o conquistaram através dos tempos, em lutas umas com as outras, revolvido por numerosas e babelicas invasões, o continente europeu jámais gosou de geographia politica estavel. Idiomas oppostos e dialectos estranhos, repellem a communidade ethnica. Todo territorio que não seja bulgaro, apparece aos olhos da Bulgaria, como campo de colonização. Todo paiz que fique fóra da Turquia, attrahe a ambição ottomana, como terra de conquista. Todo povo cujos limites não estejam sob Bucarest, representam para os hungaros, regiões de vassallagem. No principio deste seculo, nutria a Allemanha, um plano assás extravagante, para dominar o Danubio, que convém recordar, porque delle resultaram muitos dos problemas europeus da actualidade.

O pangermanismo queria reconstituir a Polonia, sob o governo de um archiduque austriaco. Desejava annexar á Prussia, as provincias balticas. Pretendia dar a Bessarabia, aos rumaicos, para engrandecer a sua politica balkanica. Imaginava a Finlandia, restituida á Suecia, com o fim de amputar a grandeza da Russia.

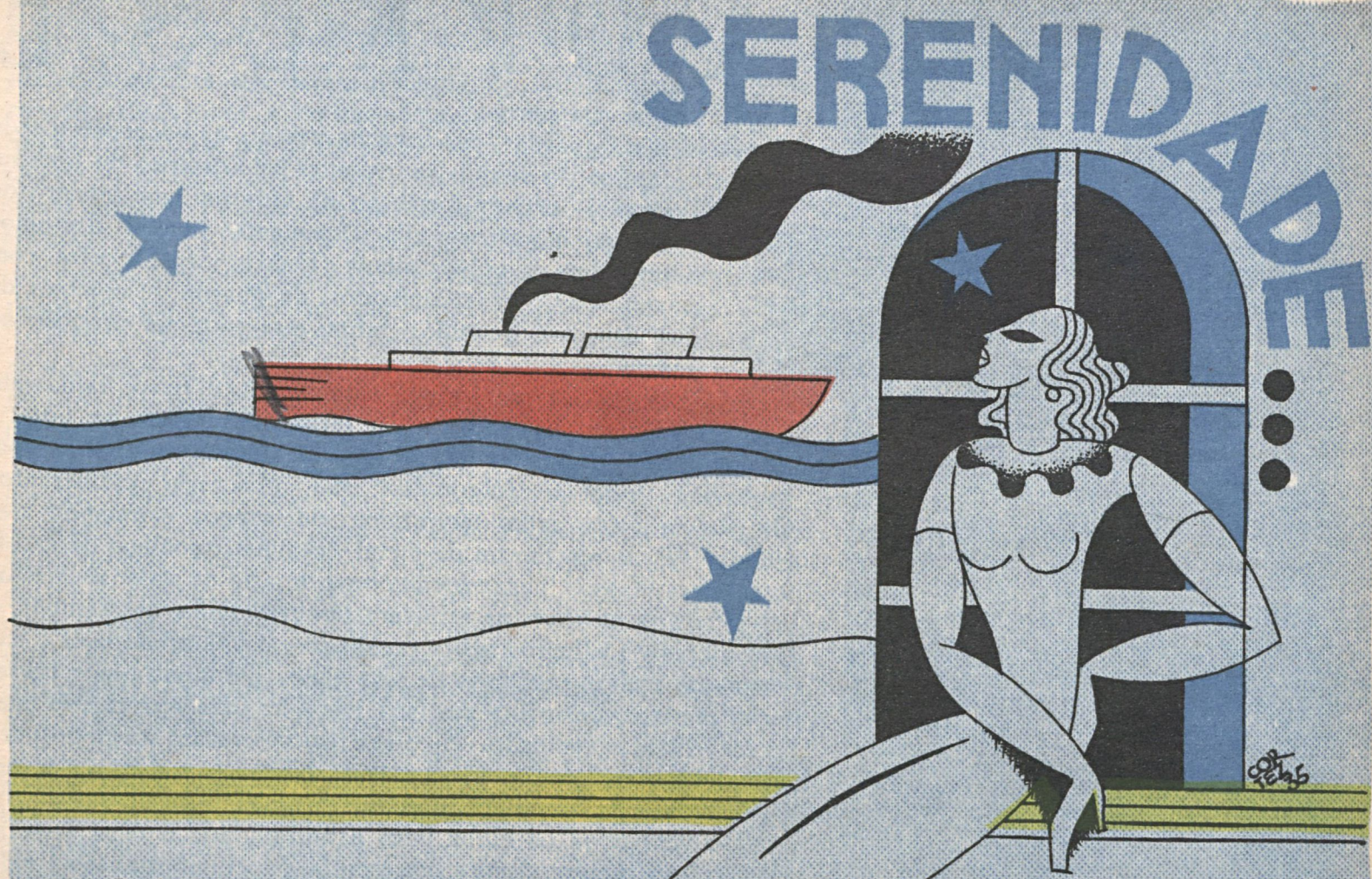
Deste modo, a formidavel massa do Imperio Moscovita seria deslocada do coração da Europa, para as vizinhanças da Asia, onde para o deter se erguia o Japão.

Por outro lado, a Russia sonhava com o dominio dos bulgaros, imprescindivel á expansão moscovita até Constantinopla. A esse sonho imperialista, se oppoz a Austria-Hungria.

E assim, durante muito tempo, a Austria-Hungria representou o duplo papel, de factor imperialista e de elemento refreador.

Reformados geographicamente e politicamente pelo TRATADO DE VERSAILLES, os povos danubianos proseguem nas suas rivalidades hereditarias. Em 1921, a Hungria tentou repôr no palacio governamental de Budapest, os remanescentes dos Habsburgs, o que provocou a intervenção da PEQUENA ENTENTE, cuja origem data de 1920 e 1921, dos tratados assignados pela Yugoslavia, Tchecoslovaquia e a Rumania, para manter o respeito á geographia politica da Europa Central. A Allemanha combate a PEQUENA ENTENTE, porque ella representa a barreira, que detem as suas reivindicações, sobretudo a incorparação da Austria.

A nação austriaca figura como pendula da Europa, ella marca o equilibrio das Grandes Potencias.

SERENIDADE...

Sei que um dia virás e espero-te tranquilla...
Mas, quando?
Uma esperança accende-me a pupilla
e o riso de um sonhar abre-me o coração.
Vivo espalhando a luz, como quem dando o pão,
feliz em fazer bem no bem se rejubila.

Sei que um dia virás e espero-te tranquilla!

Como artista de fé que um trabalho burila
só para te esperar ameigo a minha mão
que, em caricias de amor e em gestos de perdão,
é suave como a luz da estrella que scintilla...

Sei que um dia virás... e espero-te tranquilla!

Mas, quando?...
O tempo crúo, que anniquila
passa por sobre a terra em fria mutação...
Qu'importa?... E's para mim, da vida a redempção:
o sonho que meu céo perennemente anila,
tudo que anseio, emfim, e dentro em mim se instilla...

Quando virás?... Não sei!
Espero-te tranquilla!

LEONOR POSADA

COFRES E ESCRINIOS

Cofres e escrinios...

A idéa de guardar, ou dizendo melhor, de esconder, desde o começo do mundo se insinuou pelo espirito do homem. Porque a verdade é que ha na vida um sem numero de coisas que não podem nem devem estar á mercê dos olhos e, portanto, da cubiça alheia. Dahi a idéa do cofre, com os seus fins pre-determinados, de guarda de objectos de uso, de joias, de tudo, emfim, que póde ser precioso ao homem.

Obedecendo a mil fórmas e tamanhos diversos talhavam-no, desde então, em madeira, em ferro, em marfim, em prata e em ouro. Na confecção de um escrinio desses, os artistas consagravam todo o fulgor de sua phantasia exuberante. Os de madeira eram revestidos de pregos formando desenhos. Os de marfim ou de metal exhibiam trabalhos de esculptura maravilhosos, verdadeiras obras de arte de valor incalculavel. Pintores celebres assignavam pinturas finas, nas tampas, e gravadores e joalheiros nelles esculpiam relevos primorosos e encrustavam pedras preciosas de alta valia. De modo que o cofre, por si mesmo, começou a ser uma joia cara, que era preciso preservar. Dahi a evolução. E cofres maiores foram surgindo para esconder os menores, e chegamos ás burras e aos cofres-fortes dos nossos dias, onde se guardam fortunas incalculaveis!

Se volvermos os olhos para a antiguidade a mais remota, veremos que o cofre sempre representou papel importante na vida do homem. E iremos encontral-o primitivamente usado para guardar as cinzas dos mortos queridos. São os cofres funerarios, já desenhados com figuras que a tradição affirma serem dos escravos, que eram, então, enterrados vivos com os senhores, para servil-os no mundo infernal.

Foi de dentro de tres cofres singelos, que os tres reis magos tiraram as offertas com que homenagearam a Deus Menino: o ouro, para allivio da pobreza, o incenso, para desinfectar o ambiente do curral, e a myrrha, para friccionar o recem-nascido.

Variedade já da arca primitiva, o cofre era, na Edade Media, o unico movel que a noiva levava para sua casa. Servia de mala para roupas, e de banco, ao mesmo tempo. Quando era rica, a futura esposa guardava nelle o enxoval fino, as joias caras, o dote, emfim. Quando era pobre e não tinha cofre para levar, offerecia ao noivo um dote mais precioso: o seu amor. O crente, imbuido da sua crença feliz, penetra na igreja e devassa o Tabernaculo. Ahi encontra o ciborio de ouro, que é o cofre da hostia sagrada. O ciborio de nossos dias, afinal, é apenas um nome moderno do antiquissimo pyxis ou pyxide, usado para os mesmos fins, nos tempos em que a igreja nascia. Montando guarda ao cofre-forte que mandou incrustar na parede, o usurario pensa nos documentos que ali guarda e dos quaes lhe sahe a renda com que alimenta a usura e centuplica os haveres. E sorri... sem se lembrar de que, cada contracção de seu riso de gelo nada mais exprime do que uma lagrima secca dos olhos dos que lhe cahiram nas mãos... porque não têem cofre.

Ha muita gente para quem o cofre tem sempre qualquer coisa de diabolico. E' preciso não esquecer que o cofre abarrotado de joias, que Margarida recebeu de Fausto, foi obra de Mephistopheles...

Estamos em pleno dominio da Mythologia. Na terra, Epimetheu, o primeiro homem, aguarda a visita de Pandora, a primeira mulher. E Pandora, além de levar a Epimetheu a alegria de sua presença, leva-lhe tambem o cofre que contem a dadiva traiçoeira de Jupiter. Quando o cofre foi aberto, delle escaparam todos os males de que a terra está povoada. Mas no fundo, alguma coisa ficou, fulgurante, para amenisar a vida: — a esperança, companheira dos bons e dos maus momentos dos que soffrem o castigo magico do cofre de Pandora.

De todos os cofres, o mais bello é o que não se vê, porque está escondido, mas que todos sentem, porque vive desperto. E' o coração, o cofre por excellencia, o cofre da vida, que é o amor, o cofre do amor, que é a vida. Nelle tambem se esconde o thesouro inestimavel dos sentimentos bons — a alegria, a saudade, a bondade, a fé, a coragem, o sonho. Nelle tambem ha cinzas, que são as desillusões e as tristezas de todos os dias. E ha joias tambem... Mas as joias são privilegio do coração das mães, porque ha sempre em todas as mães um pouco de Cornelia, a patricia romana que, duzentos annos antes de Christo, viuva de Sempronius Gracchus, recusou a corôa de rainha do Egypto, para poder se consagrar inteiramente á educação dos filhos.

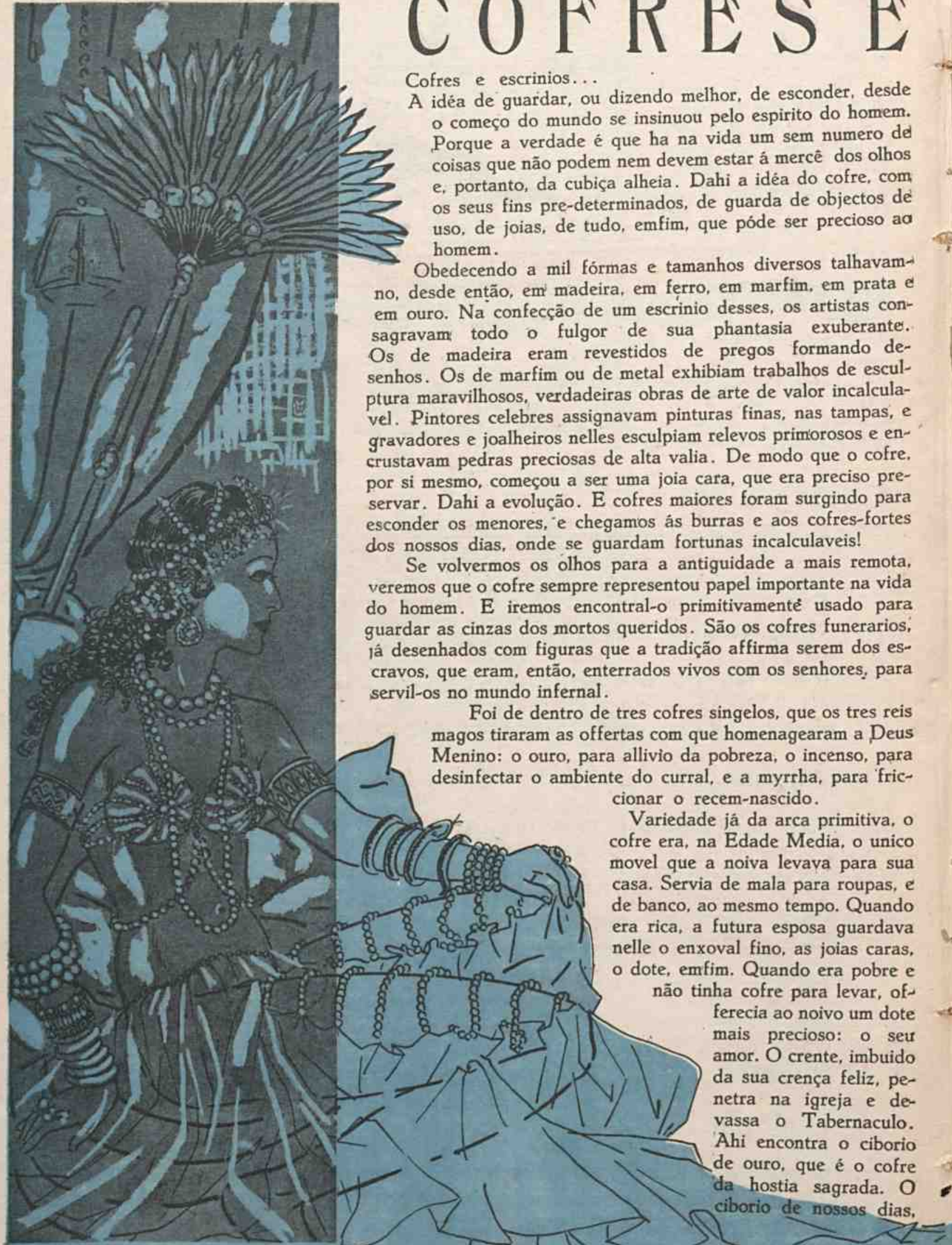
Para visital-a, certa vez, uma rica patricia de Campania se ornamentou com todas as joias carissimas que possuia. E depois de lh'as fazer ver, uma por uma, pediu-lhe que lhe mostrasse as suas. — Pois não! — respondeu-lhe Cornelia. — Aqui estão as minhas joias!

E tomando-os pelos braços, apresentou-lhe seus dois filhos Tiberio e Caio.

Cofres e escrinios!

Elles são tantos, que seria inutil tentar enumerar. A propria creatura humana, não symbolisará todo o mysterio da vida, na bocca, que é o cofre dos beijos, e nos olhos, que são o cofre das lagrimas?

E tu, destino, que és, senão um cofre impenetravel de surpresas?

TAPAJÓS GOMES

O DERRADEIRO AMOR DE MARIA CLELIA

Conto de MANOEL CUNHA

Ha, no amor, periodos de angustias e de apprehensões terriveis, em que a alma do que soffre e espera se apega a todas as possibilidades accessiveis para não ver fugir-lhe, com a ultima esperança, a derradeira illusão que lhe serviu de consolo. Maria Clelia achava-se num periodo assim. Não vendo Carlos ha seis longos dias, apegava-se áquella certeza de saber-se amada como si, só com isso, conseguisse triumphar sobre elle em consequencia do seu arrependimento e de uma sua chegada inesperada. Fazia, assim, mesmo sem perceber, um appello mudo ao Amor, e um pouco directamente a si mesma, porque tambem amava.

De modo que, naquella ansiosa espectativa de vel-o apparecer "ex-abrupto", suppunha logo que devia ser "elle", quando um automovel qualquer annunciava o seu ruido no portão largo do Grande Hotel... ou ainda que era delle, sempre delle, um qualquer som de voz que lhe chegasse indistincto aos ouvidos ou um rumor de passos que presentisse no corredor.

Elle, porém, não vinha; e, comtudo, ella esperava... esperava ainda...

Duraria muito tempo aquelle anseio de vel-o, aquella loucura de esperar?

* * *

No amor, como na morte, ha sempre grandes tranquillidades, largos periodos de serenidade que precedem os desenlaces inevitaveis. A resignação, então, é um crysol que santifica as almas que se dessedentaram de esperanças, como as que se cançaram de soffrimentos. E o fim, que é sempre fatal, tem algum cousa de extra-terreno, de divino, porque traz comsigo a doçura confortadora das lagrimas ou o espectaculo religioso da immobilidade.

* * *

Maria Clelia chorava! Sobresaltada pelas alternativas dos ruidos que ouvira, sentira-se cansada. Cansada, tornára-se triste. Triste, apoderára-se do seu corpo todo e do seu cerebro uma sensação de lethargo, um desencanto de isolamento, uma commoção de angustia que se resolvera naquella crise de lagrimas que lhe perolavam as faces e lhe punham um fulgor estranho nos olhos... Soffria... chorava!

Era um determinismo daquella situação angustiosa, a que não tinha podido esquivar-se, nem fugir... Subito sentiu um ruido por traz de si, e ouviu uma voz que, quebrando o silencio em que estava, lhe disse:

— Boa noite, Maria Clelia!

Era Godofredo de Mattos, um amigo de Carlos, e que ella muito apreciava.

— Oh!... o senhor! — fez ella limpando apressadamente as lagrimas e levantando-se. — Não o esperava agora, Sr. Godofredo... Que o traz aqui?

— Esta carta que Carlos me pediu para trazer-lhe — respondeu elle, entregando-lh'a. — Leia, e espero que lhe traga boas noticias, Maria Clelia. Dê-me licença, porque tenho pressa. Boa noite.

— Obrigada, Sr. Godofredo. Boa noite! — respondeu ella.

E tornou a sentar-se no "mapple" marroquim.

Com a carta de Carlos nas mãos, Maria Clelia, sem saber porque, tremia.

Que lhe escrevera Carlos? Que lhe diria elle naquella carta depois de tantos dias de ausencia?

Rasgou o envelöppe. Abriu-a. E leu estas palavras:

"Maria Clelia: Eu te amo muito, mas o meu orgulho é mais forte que o meu amor. Cumprindo o que te disse — que não mais te tornaria a ver — parto hoje para a Argentina, onde vou residir. Espero que sejas feliz e que não me queiras mal pelo meu orgulho.

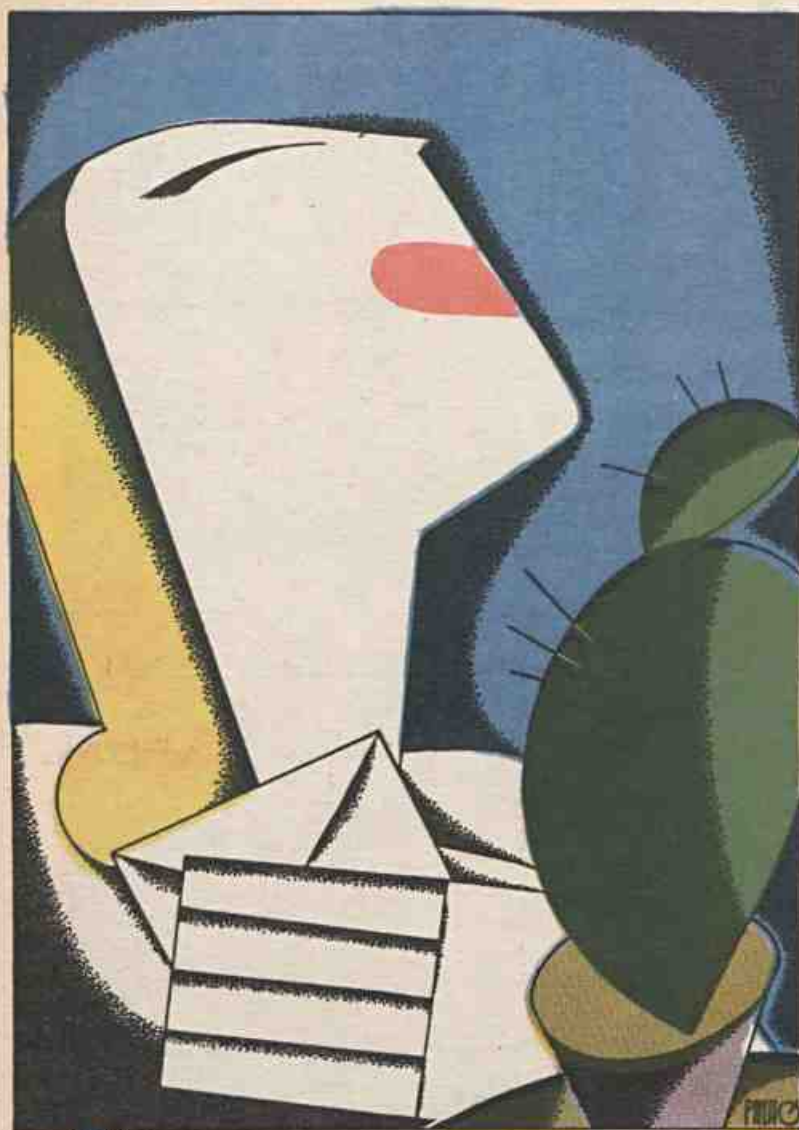
Adeus. Não me desejas felicidades tambem?

Teu *Carlos Eduardo*."

* * *

Quando Maria Clelia acabou de ler, duas lagrimas, engastadas nos cantos de seus olhos, brilhavam. Fez um esforço supremo para reprimir os soluços que lhe apertavam a garganta, como a estrangulal-a, mas não poude. E os soluços e as lagrimas, vindo em alluvião, apoderaram-se della, tomaram-n'a toda, sacudindo-a por muito tempo nervosamente.

.. ..

Lá fóra, de entre o chuveiro de prata das estrellas, a lua clara, enorme, blandiciosa, derramava sobre a alegria illuminada da terra, que tinha palpitações de festa e de belleza, a indifferença fria da sua luz, a ironia branca da sua tranquillidade...

Sentada num "mapple" marroquim, na "terrasse" do Grande Hotel, os olhos perdidos no ar, numa attitude de quem sonha, Maria Clelia meditava.

Não viria elle? Seria possivel que Carlos Eduardo não viesse?

Lá fóra, dentro da noite recamada de estrellas, os vagalumes punham reticencias azues de luz na meia-obscuridade do jardim. Do céo claro, muito azul, a lua, enorme e bonita, derramava a sua luz serena sobre as folhas das plantas do jardim, que tinham phosphorescencias cristallinas; e na noite toda, muito illuminada, havia uma palpitação festiva de alegria e de belleza que se casava ao som longinquo das vozes das creanças que cantavam a "Ciranda", sob a benção blandiciosa do luar.

Só, na "terrasse", Maria Clelia não ouvia nada, não via nada: pensava. E na sua immobilidade sem enlevos, naquelle seu abandono de pensar, fazia a si mesma uma pergunta, a unica pergunta que lhe acudia sempre durante aquella hora que ali estava:

— Carlos Eduardo voltaria?

* * *

Não sabia. Sabia, apenas, que não o via desde aquella noite do rompimento. Separação definitiva? Não; não podia ser isso. Um simples arrufo, um mal-entendido apenas, não podia attingir essa culminancia.

Elle, num momento de desvairo, pedira-lhe que não insistisse; do contrario, partiria para sempre, para nunca mais voltar. Ella, por um capricho todo seu, essencialmente feminino, e sabendo-o preso a ella pelo amor que lhe votava, respondera-lhe acintosamente que elle não teria coragem de fazer o que dissera, para o que Carlos indagára:

— Você quer que eu vá mesmo, Maria Clelia?

E como esta lhe retrucasse, corajosa:

— Póde ir, sim.

Elle se fôra de verdade, e não mais voltára até aquella noite.

E quanto tempo fazia já que tal succedera?

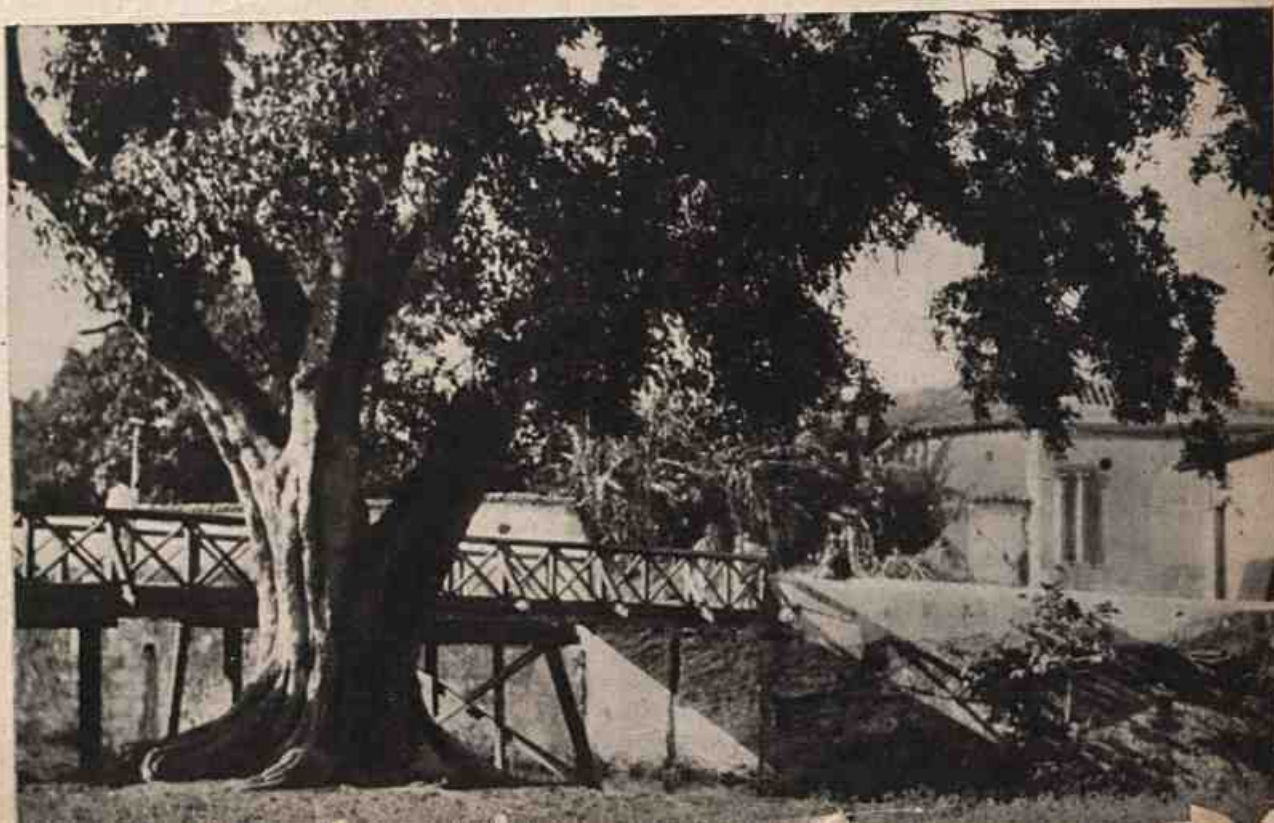
Seis dias... Seis dias que lhe pareceram seis seculos, e durante os quaes ella vivera angustiosamente hora por hora, minuto por minuto, apprehensiva e ansiosa, com um sobresalto no coração... Seis dias!

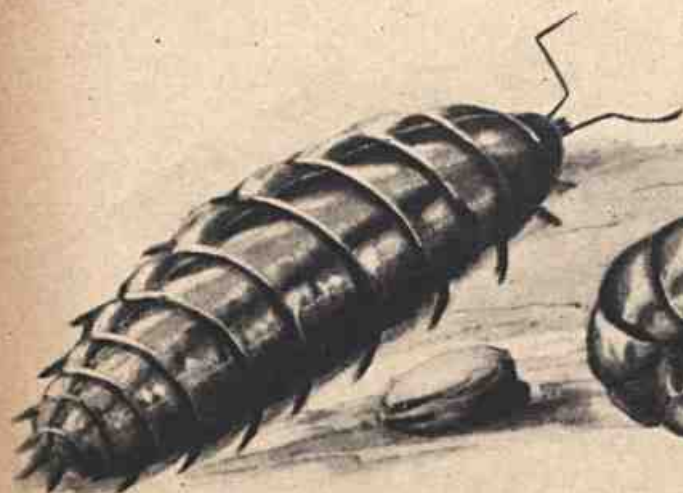
E então? Seria possivel que Carlos Eduardo não voltasse mesmo?

Conhecendo-o bem, Maria Clelia acreditava que sim, isto é: que não voltaria. Sabia que elle era bastante corajoso e, por isso mesmo, sufficientemente capaz de cumprir uma palavra dada. Por isso, tinha medo.

Mas... E lá do fundo do seu pequenino cerebro de mulher se levantava uma conjectura, que era uma alternativa favoravel para ella: Carlos amava-a! Ella sabia disso... tinha certeza disso.

VELHAS ARVORES UMBROSAS

Figueira gigantesca, enfeitando um recanto de jardim paulista.

Outro gigante vegetal na capital do longinquo Goyaz, ao pé de uma ponte rustica.

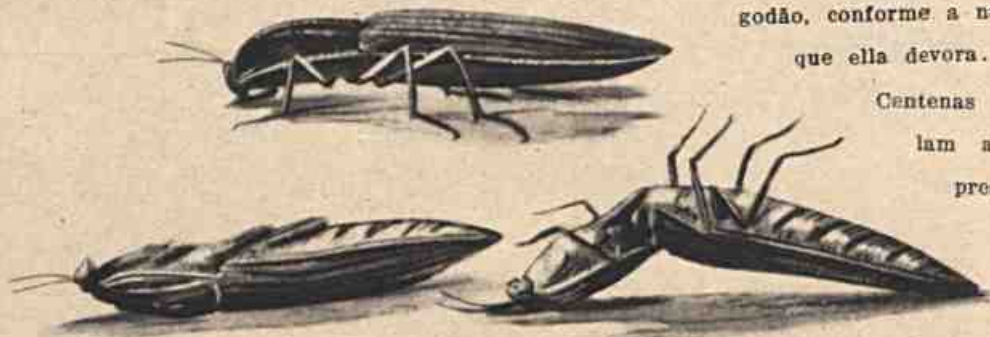
COMO SE PROTEGEM E SE

Este bichinho, quando surprehendido, enrola-se sobre si, com uma ligeireza espantosa, apresentando ao adversario uma superficie dura e liza, de difficil prehensão.

OS insectos têm numerosos inimigos, aos quaes tentam escapar, usando os meios que a Natureza lhes proporcionou. Uma vêspa, quando se lança, irreflectidamente, numa teia de aranha, o arachnideo mantem-se a uma distancia respeitavel da perigosa presa, e, não ousando lutar com ella, deixa-a emmaranhar-se na rêde, até que seja paralysada em seus movimentos. Ah! a aranha ataca-a, plantando seus tentaculos venenosos, numa região vital do hymenoptero.

O **capricornio**, que se aquece ao sol, num galho secco, ao avistar alguem apressa-se em desapparecer, seja dissimulando-se do outro lado do galho, seja introduzindo-se na casca da arvore ou, ainda, fugindo para o esconderijo de onde sahira. Muitas larvas de coleopteros vivem em retiros subterraneos onde ellas se camuflam quanto podem, esperando que uma presa passe a seu alcance, para devoral-a. Raramente se arriscam a sahir. Outras especies cavam longas galerias sinuosas sob a casca das arvores. Certos insectos podem subtrair-se aos olhares mais perspicazes graças á sua côr ou á sua forma.

Uma borboleta, o **kallima**, adapta-se tão bem a um galho de magnolia, que parece mais uma folha secca da preciosa arvore.

Numerosas **noctuelas** em repouso, num tronco, desapparecem completamente, graças á côr e ao desenho das asas, que se confundem com a côr e o desenho da casca.

A **larva do reduvio mascarado**, que a gente costuma encontrar nos cantos abandonados das casas velhas, é difficil de pegar-se. O rostro acerado do animal ferir-nos-ia, e sua picada é dolorosa, podendo provocar inflammação num dos dedos durante algumas horas consecutivas. A larva da traça, para não ser notada entre as roupas, nas cortinas e nas paredes, encerra-se no casulo, que ella tece com fios de lã, de algodão, conforme a natureza dos tecidos que ella devora.

Centenas de bichinhos simulam a morte desde que presentem um ataque.

A centopeia, que caminha rente ao chão, ao ver-se ameaçada enrola-se toda, virando os pés para dentro.

Os **anthrenos**, que costumamos encontrar em nossos lares, tambem sabem immobilisar-se momentaneamente. O **elater**, tão commum no matto e nos prados, é mais curioso. Ao ser tocado deixa-se cahir ao chão, onde permanece immovel, com os pés voltados para o corpo. Quando se certifica de que não mais o importunam, principia a agitar as patinhas.

O "elater". Ao alto, em marcha: á esquerda, simulando a morte; á direita, preparando o pulo.

O capricornio, o nosso "carapau", de sentinella a sua porta.

Eis aqui um bello specimen de "anthreno", que tem a especialidade de fazer o morto...

A "cicindela", que é um bonito coleoptero carnivoro. E' agilimo, mas só ao sol...

DEFENDEM OS INSECTOS

A aranha batendo-se com a vespa, que acaba de cahir na teia, onde será devorada.

Depois, para retomar a posição natural se enrosca e, fazendo ouvir um pequeno estalido, executa varios saltos mortaes. Esta faculdade de pular, deve-a o animalzinho á conformação toda especial da articulação do thorax com o abdomen.

Os bichinhos que simulam a morte têm, geralmente, um andar lento e são desprovidos de outro qualquer meio defensivo.

O lucano, logo que depara um inimigo, ergue-se sobre as patas e, levantando a cabeça, prepara-se para morrer, arreganhando as fauces formidaveis.

Existe uma categoria de insectos que, quando são apanhados, secretam um liquido mais ou menos colorido e mais ou menos olente.

O "mil pés", que se enrosca todinho, no sentir-se ameaçado.

A "noctuela", cuja côr se confunde com a casca das arvores onde pousa.

Um desses insectos é o timarcha, um coleoptero, designado entre o povo pelo nome de cospe-sangue. Habita os jardins, as estradas e os caminhos. Sendo aprisionado, deixa escorrer sobre os dedos um liquido vermelho, de natureza viscosa, com o que pensa fazer afastar quem o ataca.

A coccinella, os gafanhotos e os grillos emittem, do mesmo modo, ao serem pegados, viscosidades coloridas, algumas corrosivas, que amarellam a pelle, provocando comichões.

Os hemipteros (percevejos do matto) têm a faculdade de propagar um fetido forte ao verem-se perseguidos.

Os fulgorideos, estes possuem uma sorte de cêra, que se desprende, em largos flocos, ou em filamentos tenues, pela extremidade do abdomen.

A lagarta da borboleta Machaon, ao menor alarme, faz apontar dois chifrezinhos côr de laranja no alto da cabeça, e para afastar o adversario mitte um cheiro insupportavel.

O louva-deus, surprehendido por um carabe, toma uma attitude espectral afim de metter-lhe medo.

Nossa revista, ha uns dois annos, mais ou menos, deu a conhecer aos leitores um outro bicho, cujo systema defensivo é dos mais interessantes. Trata-se do "bombardeiro". Este pequeno animal avança sem temor sobre seu antagonista, envolvendo-o numa ambiencia fumea que o obriga a dar o fóra sem mais detença.

Deram áquelle insecto o nome de "bombardeiro", em virtude de elle, na hora da luta, fazer ouvir pequen[illegible]

DE CINEMA

Por Mario Nunes

OS GRANDES FILMS DA COLUMBIA

ZENAIDE ANDRÉA com os olhos verdes brilhando de satisfação, satisfação de fan e não de publicista, fala-nos com enthusiasmo de "Uma noite de amor" que a Columbia vae lançar em Março e dos outros grandes films da marca que propaga e que este anno se enfileira entre as veteranas, em destaque honroso.

— Não acredita? Verá. Mas a opinião não é minha somente... é dos officiaes do mesmo officio!

E exhibe um "magazine" americano.

— Leia!

E lemos. A Columbia colhera em Hollywood apoz a exhibição especial de "Uma Noite de amor" em que Grace Moore fulge como actriz e como cantora lyrica, os seguintes conceitos:

Mary Pickford — "A actuação de Miss Moore é absolutamente captivante e a pellicula o mais delicioso divertimento".

Gloria Swanson — "O surprehendente timbre vocal de Grace Moore, sua belleza e o feitiço de sua personalidade, qualidades essas de que usa e abusa com muito espirito, imprimem a maior seducção ao film. Confesso que fiquei emocionadissima..."

Norma Shearer — "Querida Grace... Com a tua vivacidade e "glamour" conquistaste por completo a platéa, emocionando a gente com tão gloriosa voz!"

Ruth Chatterton — "Miss Moore é uma das radiantes personalidades da téla".

Maurice Chevalier — "Estupenda diversão... Uma pellicula que iniciará um outro cyclo no "écran". Grace Moore é "Magnifique!"

Herbert Marshall — "Emocionante, emocionante e luxuoso! Grace Moore assalta-nos o coração, cantando!"

Como se vê, Zenaide tem razão.

As nossas gravuras mostram Grace Moore em varias scenas de "Uma Noite de Amor"

SONOGRAPHIA — UM NOVO METHODO DE ENSINAR A LER — A professora Maria Ribeiro de Almeida reuniu na séde da A. B. I. diversas pessoas que se interessam pelo methodo de ensinar a ler, em 20 lições, denominado "Sonographia", afim de demonstrar, praticamente, a excellencia do referido methodo. Esse methodo constitue uma verdadeira revolução no ensino da leitura, taes os resultados obtidos em toda parte onde tem sido adoptado. O director do Departamento de Instrucção do Districto Federal contractou a professora D. Maria Ribeiro de Almeida para um trabalho officializado nas escolas do Rio. A reunião de que damos, aqui, um aspecto, foi presidida pelo Dr. Raphael Pinheiro que é um dos que mais têm trabalhado pelo reconhecimento dos extraordinarios meritos da Sonographia.

No "studio" Carlos Gomes — Aspecto tirado no "studio" Carlos Gomes, por occasião do concerto realizado pela notavel soprano lyrico Senhora Sonia Dasinowa.

UMA TÉLA DE VAN DER VELDE

O famoso pintor hollandez Van der Velde teve seus tormentos. Em seu tempo, como ainda hoje entre nós, a pintura rendia pouco.

Um dia, elle expuzera um quadro, representando um parque que circumdava uma tentadora casa de campo.

Van der Velde esperou inutilmente os compradores, varias horas. Nada! Cansado de tanto esperar, resolveu voltar para casa. Nisto, um senhor elegante, parando deante da téla, considerou-a, um momento, em silencio.

— Este quadro é uma copia, não é? — inquiriu do pintor.

— Qual copia, qual nada! retorquiu Van der Velde, num accesso de raiva.

— E' sim, senhor, e o original acha-se em meu poder.

Eu sou lord Clarendon. O parque e a villa reproduzidos pelo Sr. pertencem-me. Por conseguinte, queira ou não queira, sou o proprietario do original.

— O Sr. tem graça.

— Para recompensar o seu trabalho, que é, aliás, estupendo, desejo ceder-lhe o meu original em troca de seu quadro. Acceita?

Van der Velde, doido de contentamento, acquiesceu á generosa offerta, tornando-se proprietario da herdade de lord Clarendon.

TERRA DE SOL, BRASEIRO DA FÉ

ASSIS MEMORIA

Um panorama da capital do Ceará

QUE o Ceará seja a terra da luz, a sagrada Heliopolis do Brasil, todos estão fartos de saber. E a expressão em tal maneira se encontra divulgada, que já assumiu as proporções de um logar commum, como logar commum, e surradissimo, é a designação de *terra de Iracema*, conferida pela ficção de Alencar ao famoso torrão, onde, "além, muito além daquella serra", nasceu a celebre filha de Araken.

Para quem chega ao Ceará, a primeira e forte impressão que fere a vista e a alma, é a orgia de luz. Luz que estontea, porque desce, crúa e fulminante, de um céo lavado de uma transparencia de cristal.

O Ceará, de extremo a extremo, do litoral dos verdes mares ás grimpas solemnes da Ibiapaba, é toda uma irradiação fulgida de sol, todo um encanto suave de luar. Terra penitente, calcinada pelas seccas tremendas, o sol, que a veste de luz fulgurante, é, tambem, por vezes, o sol que a tortura de fogo lento, impiedoso, infernal.

O Excelsior-Hotel, na rua Guilherme Rocha

Terra contrastada, torrão allucinante, na verdade!

Mas a plethora de luz, que adorna o sólo, invade tambem as almas, illuminando-as christãmente, transfigurando-as pela Crença.

Terra de luz, braseiro vivo da Fé! E o heroismo que sustenta aquella gleba soffredora, nos dias de provações, nas horas amargas de revezes, é todo vasado na fragoa viva dessa crença, inspirado no poder formidavel e unico, miraculoso mesmo, dessa Fé.

E, dahi, aquelle povo de martyres, de heroes impavidos, por ser precisamente aquelle povo de crentes. Torrão admiravel, o Ceará! Gente unica, no Brasil!

Quem alli aporta, penetra commovido no que Euclydes denominava o cerne da nacionalidade e eu classifico, mui a proposito, a VANDÉA do Brasil. Sim, o baluarte da Patria. Da bravura indomita da Patria. Da crença inabalavel da Terra de Santa Cruz, o sanctuario vivo do Brasil.

E a gente volta daquelle sólo bemdito, animado de novas esperanças, robustecido por mysteriosos alentos.

Como a Vandéa, nas terras francezas, guardando, na éra do terror, sob o regimen funebre da revolução sacrilega, todas tradições puras da patria de Clovis e de Joanna d'Arc, assim o Ceará ha de manter intactas as tradições do Brasil, quaesquer que sejam as surprezas dos acontecimentos, as inversões fataes do futuro. Quando, por um formidavel cataclismo — desses que, muitas vezes, convulsionam nações e eliminam povos — a França fosse ferida de morte, permanecendo a Vandéa, estaria viva a Gallia immortal. Assim, tambem, si o Brasil desapparecesse, si a Patria esboroasse, material ou moralmente, sobrevivendo o Ceará, a nação *princeps* do Continente continuaria a viver, continuaria a se impôr, soberanamente.

Tive esta confortadora impressão ao visitar, agora, aquella terra, que é a minha terra, aquella gente, que é a minha gente! Terra de luz, gente de Fé. E um povo, que crê com esta Fé, e uma terra que se illumina com aquelle sol, não podem mentir aos seus grandes principios, aos seus grandes ideaes.

A' hora mystica, ao cahir da tarde, quando se accendem, ali, todos os sanctuarios e se recolhem ao remanso do lar os que trabalham, os que mourejam, de sol a sol, á prece, que se levanta de todas as almas, que se ergue pura de todos os labios, é sempre esta: "Virgem Santa, salvae o Brasil! São Francisco de Canindé, protegei o Ceará!"

E tal é o ardor da prece, tamanho o fervor da oração, que nós sentimos que aquella gente é ouvida e que, ao descer a noite, estrellando-se, illuminando-se feericamente, com aquelle esplendor sideral, que é privilegio do céo cearense; ao cair a noite, sim, uma benção especial vem do Alto, propiciatoria e immensa, para a terra do sol, para aquelle braseiro vivo da Fé: o Ceará.

A Praça do Ferreira; ao centro, a Columna da Hora

MUNDICO

— Mundico! O' Mundico! Raio do diabo! Onde foi se metter esse menino? O dia todo era assim... P'ra lá, p'ra cá. O filho da Nha Carola não tinha parada. Pilhava portão aberto, ganhava a rua. E, na rua, só Deus sabe!

✣ ✣ ✣

— Mundico! O' Mundico!

Arrastando o corpo pesado sobre as chinellas, Nha Carola correu a casa toda á procura do filho. Inutilmente. Embarafustando-se pelo corredor, foi até á cozinha e desta p'ro quintal, berrando desesperada:

— Mundico! O' Mundico! Tá surdo, peste!

O sol a pino, bordava filigranas de sombra sob as arvores do quintal, onde gallinhas soltas dormitavam sob o adustão da soalheira.

Nha Carola enrouqueceu de gritar. Não obteve resposta. Entrou resmungando:

— Onde andará o diabo do Mundico? Ha de apanhar! Ha de apanhar!

Raymundo Florentino perdera o pae aos tres annos de edade. Desd'ahi principiou a sua desdita...

Nha Carola, moça ainda, começou então a envelhecer no trabalho p'ra sustentar a familia. Não tinha mais ninguem, senão um casal de filhos, unica herança que lhe deixara o marido. Mas, dona de coração grande, resignava-se e a vida parecia-lhe feliz ao lado dos filhos, naquella miseria...

✣ ✣ ✣

Raymundo Florentino — Mundico na roda de toda a gente — era o retrato do pae. Não desses retratos a largos traços, só para agradar. Não. Era um retrato perfeito, nitido, vivo, do finado... Dir-se-ia que Mundico veiu ao mundo para substituir o pae...

— Esse menino... Esse menino... Eu não sei, não... Nha Carola, ás vezes, scismava. E, como uma nuvem presaga um pensamento funebre vinha toldar-lhe o espirito. Afugentava, porém, taes lembranças malignas fitando os olhos claros de sua filha Maria Angelica, tão docil, tão delicada e, sobretudo, tão carinhosa. Mas, o Mundico?! Esse era os seus peccados...

Nha Carola soffria resignada. Era mãe e só as mães sabem soffrer em silencio. Porém, neurasthenizada pela miseria em que vivia, trabalhando dia e noite, matando-se não por ella, mas, pelos filhos, Nha Carola, ás vezes, tinha daquelles rompantes... Contrariavam-n'a fundo as desobediencias do filho. Mundico era incorrigivel. Aos treze annos de edade apresentava todos os caracteristicos hereditarios do pessimo genio paterno. Autoritario, violento, brutal, Mundico tinha a alma andeja, livre. Indisciplinado, fôra expulso da escola. Trabalhar não queria. O trabalho era-lhe um sacrificio e Mundico "não nascera para frade", dizia... Não podia comprehender a desigualdade social da vida. Tinha inveja aos meninos ricos que têm tudo sem fazer nada.

Na cabeça de Mundico, cabeça dura de menino turrão, só os maus pensamentos tinham guarida e criavam raizes. Era fecundo no inventar brincadeiras perversas. Os moleques temiam-no. Cochichavam:

— Mundico vae ser que nem Lampeão!

E Raymundo Florentino crescia no terror da garotada do bairro.

✣ ✣ ✣

A tarde cahira sem Mundico dar noticias.

Nha Carola começara a se affligir, resmungando o estribilho de todos os dias:

— Ha de apanhar! Ha de apanhar!

✣ ✣ ✣

As primeiras estrellas pontilharam á bocca da noite.

— Mamãe! Mamãe! Tem gente batendo na porta! De certo é Mundico!

Nha Carola precipitou-se, nervosa, de chinella na mão, resmungando ainda:

— Ha de apanhar! Ha de apanhar!

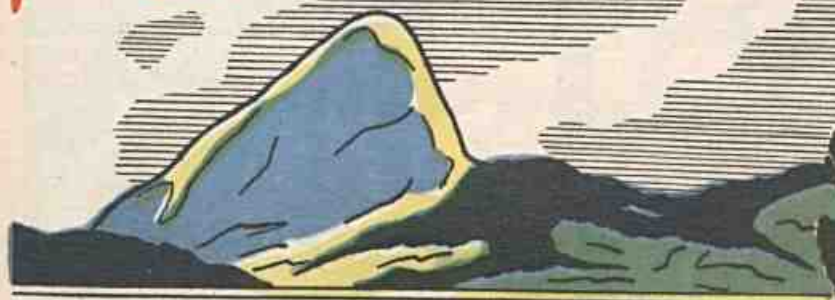
✣ ✣ ✣

A chinella na mão, olhos escancellados, boquiaberta,, Nha Carola ficou estatelada.

Agora não queria comprehender o recado que lhe vieram dar. Mundico, o filho da sua alma, o sangue de seu sangue, a carne de sua carne, estava morrendo na Santa Casa, com as duas pernas partidas, o craneo esmigalhado numa poça de sangue. Ficara sob as rodas de um bonde, fôra victima da sua ultima travessura.

Subito, como se lhe voltasse a razão, Nha Carola deixou cahir a chinella e, afflicta, offegante, desvairada, poz-se a correr desabaladamente rumo á Santa Casa...

ALEX NOGUEIRA

D. JOÃO VI, pae extremosissimo

SENTIDO anecdotico do carioca andou catando aqui e ali episodios pittorescos da vida de D. João VI para glosal-os em boas piadas e maus versos.

E porque?

Porque D. João VI, não poucas vezes, parecia esquecer o seu triste designio para estregar-se um pouco a si mesmo, aos seus impetos de homem simples.

Na verdade, nenhum monarcha teve na sua vida publica, gestos de tão desmedida inferioridade.

Certa vez, a sége real tem o seu transito impedido na estrada lamacenta da sua fazenda de Inhauma.

D. João indaga dos motivos da demora.

Era uma carroça puxada a dois muares magros e fracos.

D. João VI não espera mais: salta da sége e, arregaçando as mangas do seu velho e desbotado casacão verde com alamares dourados, vae, elle mesmo, auxiliar a retirada da carroça do atoleiro em que cahira.

Era essa simplicidade que o povo daquella época focalisava em quadrinhas ignobeis, apezar da censura do Vidigal que, comquanto não fosse prévia, como nos nossos tempos de hoje, era de certa fórma violenta, terminando sempre por uma serie de vergastadas modestas com vara de marmeleiro.

Mas a ralé pouco se importava com a violencia do Vidigal e nas longas paredes dos muros e dos pardieiros, appareciam, riscados a carvão, ditos sarcasticos, pilherias grosseiras e phrases immoraes em que era ridicularisada a figura do filho de D. Maria I.

D. João VI, entretanto, parecia viver alheio a taes explosões da irreverencia popular.

No tumultuar da sua vida infeliz, que transcorria entre a loucura de D. Maria I, que via, nos seus sonhos de demente, a figura de Tiradentes a exprobrar-lhe a condemnação cruel que soffrera e a tara sexual de Carlota Joaquina, D. João VI buscava na amizade aos seus filhos o consolo amoroso de que tanto necessitava para que qualquer coisa de affectivo lhe dourasse a pílula da sua existencia de rei.

Eil-o agora, pae amantissimo, longe do bulicio falso da côrte, a passear pelas Praias, de Santa Luzia e Flamengo, com os seus filhos D. Pedro e D. Miguel, ensinando-lhes a estrophe do conego João Pereira da Silva, onde o celebrisado poeta exaltava a belleza rustica do Pão de Assucar:

"Seu cume excelso, sempre fumegante.
Apparece, por vezes, inflammado,
Raios trisulcos, lança-lhe tonante
Neptuno o tem, bramindo, rodeado,
E, por jazer em baixo algum gigante
Que inda chammas vomita exacerbado,
Dos relampagos pelo assiduo jogo
Chama-se a curva praia Botafogo".

E durante esses passeios, embevecido com as graças dos dois filhos, D. João VI esquecia, por momentos, as miserias da sua vida conjugal, em que a figura má de Carlota Joaquina lhe manchava a dignidade de rei e a honra de homem e os gritos de louca de D. Maria I revivendo a tragedia de Tiradentes.

E para esquecer a sua infelicidade, D. João VI acordava cedo, mettia-se, descuidadosamente, na sua casaca verde, e lá se ia elle, o Rei de Portugal, mastigando biscoitos e aspirando rapé com os dedos de unhas denegridas, passear com os filhos pela curva da Praia de Botafogo.

Não era, então, aquelle homem que dormia nos espectaculos e que acordava com a pergunta infallivel:

— Aquelles mariolas já se casaram?

Esquecido das intrigas do Paço, D. João VI só com os dois principesinhos parecia viver uma existencia nova.

A' tarde voltava elle à Praia com D. Pedro e D. Miguel, deixando-os correr pela areia, na inquietude propria da edade.

E só quando as estrellas começavam a pontilhar de luz o firmamento já envolto na densa escuridão das noites tropicaes, recordava-se D. João VI de que a realidade de uma vida infeliz esperava-o por entre o luxo do Paço Imperial.

Beijava, então, os filhos queridos e lá se deixava ir, vencido, torturado pelo destino, para o supplicio de uma vida falsa, que se arrastava penosamente por entre as intrigas da côrte, os gritos de louca de D. Maria I e o hysterismo doentio de Carlota Joaquina.

O CULTO DA LUA

crer em antigos escriptores chinezes, a origem do culto lunar, que culmina no mez de Setembro, é antiquissima. Dizem que os primeiros lunicolas surgiram certa noite de luar, de que não ha memoria... A Lua sorria no arco infinito do céo. Nunca fulgurara tanto. Subito, não se sabia como, tudo escureceu.

Os ingenuos habitantes do Celeste Imperio ficaram aterrados, vendo desapparecer, lento e lento, o bello disco de prata. Pensaram até que o nosso satellite estava sendo engulido por um monstro negro de proporções inconcebiveis... Para elles, o mundo ia desapparecer. Talvez por isso, entregaram-se a toda sorte de exaltações. A Lua, a bella sonhadora alvi-azul das noites chinezas, não se via mais lá no alto, suspensa no tecto phosphorescente de estrellas. Todos julgavam, em sua ingenuidade primitiva, que um monstro maligno assaltava a Lua e devorava-a...

Um cantor recrutado para as solemnidades em homenagem á Lua.

Mas, algum tempo depois, Diana tornou a sorrir entre as trevas, mostrando-se em toda a sua nudez luminosa. Os chinezes recomeçaram a sorrir tambem... Os olhos fixam-se na amplidão, ansiosos por descobrir si outro monstro apparecerá para devorar o enorme ovo... redondo!

Realizam-se festas, fazem-se preces ao ar livre, deante de um coelho de prata, que representa o astro nocturno.

Confucio está quasi relegado ao olvido, assim como os dragões tradicionaes. E mesmo as formulas rituaes das saudações. A prova é que á pergunta:

— Shenn thi haó (Como vae?)

se responde simplesmente:

— Iú iúe leang! (A lua explende).

As cerimonias publicas, das quaes participa o povo, têm logar geralmente sob a protecção dos bonzos (sacerdotes buddhistas). Mais caracteristicos são os ritos celebrados na intimidade.

O chefe da familia congrega todos os seus parentes que se apresentam nos trajes mais sumptuosos.

No centro da sala de visitas, sobre uma mesa, é collocado o coelho de prata symbolico, que vae ser illuminado. Em torno delle as creanças farão ondular os thuribulos e sobre os convidados se derramarão os perfumes mais subtis.

A essas reuniões não faltam os cantos em louvor á Lua.

"Oh! Lua, inunda sempre de prata a nossa terra, porque tu és a vida, tu és a belleza, tu és a companheira dilecta das nossas noites de amor!"

Por occasião dos recitativos em homenagem á Lua, apresentam-se ás visitas uma bacia com agua perfumada. Nella se lavam as mãos e os olhos, antes de ir-se adorar a "deusa branca".

Lá fóra, sôam os *gongs*, creanças gritam, á espera dos doces tradicionaes: tortas luniformes recheiadas de petiscos.

Isto é o que nos conta o Sr. F. Zanon, que viajou pelo Oriente, á cata de novidades.

* * *

Os indios de nosso continente, tambem, prestam um culto ardente á Selene grega, que entre os Tupys era conhecida pelo nome adoravel de "Jacy". Ter-lhes-ia a China inspirado essa idolatria? Tudo é possivel. Os chins parecem-se tanto com os aborigenes...

Um menino procedendo ás abluções prescriptas, afim de poder tomar parte na adoração do "Coelho de prata".

Eis como, nas estampas da antiga China, se representa a dôr do povo pelo desapparecimento da Lua.

UM DRAMA NA EDADE-MÉDIA

Historias sem palavras

FLOR do LODO

Leoncio Correia

Illustração de ALOYSIO

Aquelle murmurinho era de assombro. Pois era isso possivel? Pois Braço de Ferro engulira em silencio aquelles desafôros de Cambaxirra?

A medo, como a espiar, desconfiada, a luz entrava na sordida e sombria tasca, como um Santo num antro de féras. E essa bodéga, tão abrigadora, que era, de gargalhadas, de remoques e de palavrões obscenos, ora de uma quiétude tragica se forrava. Só Cambaxirra, caboclinho secco e mofino, como alentado pelo silencio e pela indifferença de Braço de Ferro, enchia, a espaço, toda a taverna de phrases hostis, cuspidas com raiva e despeito, á face do mais terrivel valentão da zona.

Começaram os cochichos. Estaria o chefão preso por algum compromettedor segredo ao enfezadinho do norte? E mais se concentravam, attentos, os contumazes freguezes da branquinha — a rubra floração do bairro da Saude — acompanhando, com emoção aquelle extranho duello entre a gloria emmudecida do muque e a audaciosa fanfarronice da inconsciencia. Encostado ao balcão, um panno de algodão encardido sobre o hombro direito, o Souza, o dono da tasca, sorria aparvalhadamente.

Fóra, a soalheira estava na estalada. Carroças e auto-caminhões carregados de fardos e saccaria rodavam ruidosamente sobre as pedras, entre novelos de uma poeira avermelhada, que subia, envolvendo o casario fusco.

Cambaxirra approximou-se mais do silencioso insultado. Um geral movimento de ansiosa expectativa, quando, sem mostras de irritação, este se ergueu... O outro, baixinho e mirrado, mal lhe tocava o umbigo. Iria a rã sustentar a opinião sob a pata formidavel do elephante?

Braço de Ferro pegou Cambaxirra pelos cotovellos, como teria feito a uma estatueta de terra-cota, ergueu-o sem fadiga, collocou-o suavemente sobre o balcão. E, assim, rosto a rosto, o olhar sem colera, mas fixo no olhar, já cheio de uma expressão de acovardamento, do misero provocador, disse-lhe, sem alteração de voz, antes quasi com doçura:

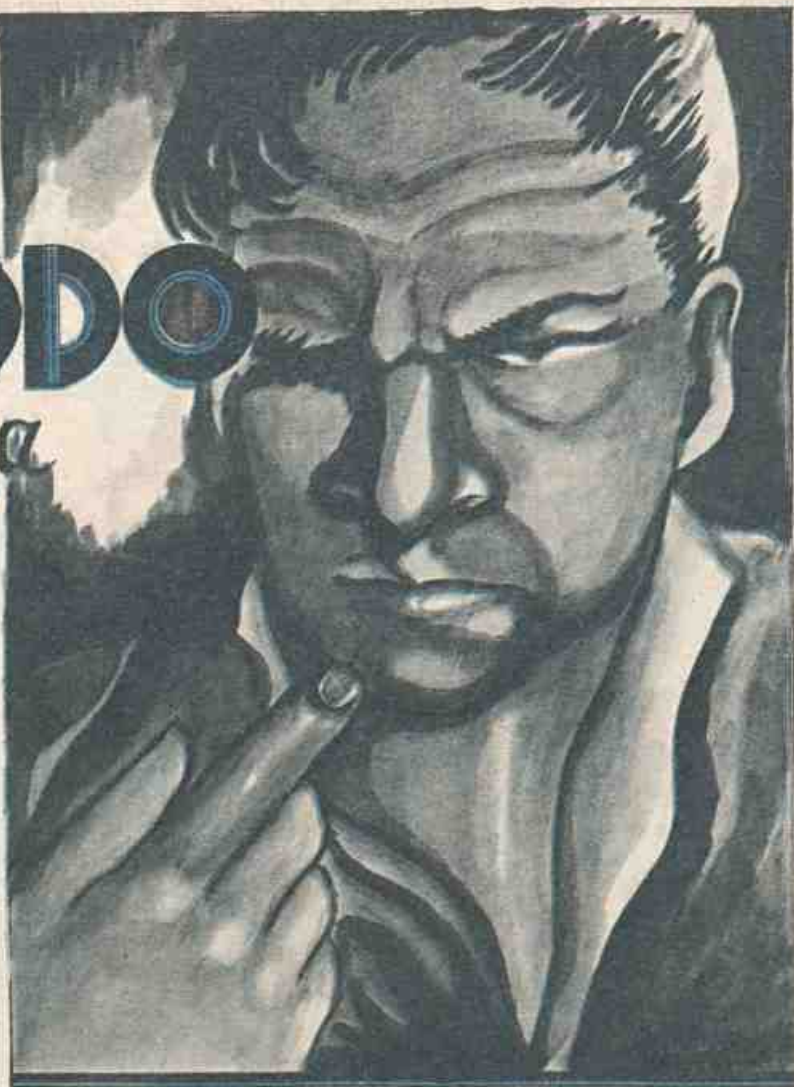
— Fica-te pr'a ahi. Se eu te surrasse, procederia como um vil. Tu não "aguenta" tempo. Mas não me "azocrina". Tu "é" pessoa sagrada pr'a mim. Tu "foi" dos "pouco" que "levou" minha mãe á sepultura.

E houve, de parte da abjecta escoria que ali refocilava, um unanime volver de pensamentos para esse tragico periodo da "gryppe hespanhola". O Rio todo dava a impressão de uma cidade devastada por um cyclone, terra abandonada dos homens e maldita dos céos. Em carretas, que melancholicas e pensativas parelhas de bestas arrancavam, cadaveres mal envoltos, em lençóes sujos, iam, macabramente empilhados, aos trancos, sob a paz espiritual da tarde luminosa ou sob o olhar fixo das estrellas remotas e indifferentes, caminho dos cemiterios, que bocejavam em quietude sinistra, sinistramente saciados. Os vermes, os sombrios operarios das urnas, na lugubre tarefa da destruição da materia orgulhosa e egoista, andavam açodados e fartos e contentes...

Não permittiu Braço de Ferro na profanação do cadaver materno. Sonegou-o á leva fatal dos condemnados posthumos, aos quaes era negada a graça ultima da dolorosa ventura da solidão absoluta. Orphanou o mealheiro das suas derradeiras moedas, e ajustou, com piedoso intento, a trasladação do querido despojo, de maneira a corresponder á altura da sua saudade.

Raro os que o acompanharam nesse afflictivo transe. Gravados, porém, como effigies augustas em moedas de ouro puro, ficaram no bronze bruto de sua alma, os que o não desassistiram na hora angustiosa. E Cambaxirra lá estava, no cemiterio, os olhos humidos e vermelhos, nessa injocunda tarde de Outubro, no inesquecivel e amargo instante em que elle, Braço de Ferro, abriu, num impeto violento, o tosco esquife que guardava o corpo da velha preta, que era sua mãe, encheu-lhe a bocca de beijos desesperados e tristes, e, desvairado, com o indicador da mão direita, descerrou-lhe a palpebra, afim de que ella pudesse levar para a eternidade a sua figura e a sua dôr...

Então, o vulto do valentaço mais cresceu aos olhos daquella gente, que não praticava nem cultivava a piedade, mas poude comprehender-lhe a serena, a infinita extensão nesse momento em que a memoria de uma velha mãe punha um clarão de aurora na treva de uma alma criminosa.

Parecia que, desafogado e alegre, a luz, nesse instante, entrava, cantando, na tasca e nos corações. E mais: que a bodéga immunda ganhava a solemnidade de um templo, tão religiosamente era nella, nesse fugaz minuto, erguida a hostia pura do Amor por impuras mãos, aos roubos e aos assassinatos affeitas.

Braço de Ferro chegou á porta, olhou, de principio a fim, a rua esburacada e suja, sacou de um cigarro, accendeu-o, e abalou a passo lento. A sua sombra, como um amigo silencioso, ia-lhe ao lado. O calor abafava. Das pedras da via publica desprendia-se um halito de fogo. O curto silencio que, vagamente, pesou rapidos segundos, cortou-o o Souza, o dono da baiuca, avançando:

— Braço de Ferro é negro de "pél", mas é branco "d'ai" alma!

Apagou o cigarro, accommodou-o atraz da orelha, e, convictamente, berrou alto:

— Viva Braço de Ferro!

E Cambaxirra, ainda em cima do balcão, como um rei sem sceptro e sem corôa, com as cordoveias entumecidas:

— Viva Braço de Ferro!

E para logo, como um côro de final de opera, toda a tasca vozeava:

— Viva Braço de Ferro!

O heroe ia a pequena distancia. Aquellas acclamações chegavam-lhe aos ouvidos como se baixassem do alto, gritadas por bocca de anjos, a mando da velhinha querida que se fôra para sempre. E, então, orvalhando-lhe as faces as derradeiras lagrimas choradas — rócio divino que não conseguiu reflorir o lotus azul que, um dia, raiz no lodo, approximou dos céos luminosos o scyatho espiritual do Sonho e da Bondade...

acreditem ou não...

por Storni

Mozart Lago — Monsieur Lebrm, apresento-lhe os meus cumprimentos, e os meus prestimos; no caso que queira annullar o plebiscito do Sarre...

O marido — Aguenta isso por ahi, emquanto eu descanço da tua lingua... E' uma medida de segurança que eu tomei, por falares em cousas que não me convêm...

Está percorrendo varios paizes do mundo um luxuoso bando precatorio.
Até bem pouco tempo esse "bando", havia dado á *costa*, nos Estados Unidos...

O *Syndicato dos logistas*, abriu uma forte campanha contra os mendigos.
Elle se esquece de que entre os "pobres" ha muito millionario...

O abnegado enfermeiro Varejão que tem sangue para vender, vae offerecer a transfusão para um interventor do Norte, que dizem possuir sangue... de *barata!*...

A loteria municipal vem ahi: Para fazer o *pendant*, aos *rigolôs*, teremos os bilhetes da loteria da cidade, que naturalmente se chamarão: *rigolettos*.

O ministro da Agricultura vae iniciar a campanha contra as formigas.
Foi convidado para dirigil-a o conhecido literato Olegario Mariano, que representa condignamente a *ultima cigarra!*...

Curiosos aspectos do Plebiscito do SARRE

Bandeiras á frente, os Hitleristas residentes em Sarrebrucken fizeram passeatas pelas ruas daquella cidade, colhendo votos para a sua victoria. Muitas semanas antes do Plebiscito, era raro o dia em que não demonstravam publicamente o seu desejo de ver o Sarre voltar á Allemanha.

Nenhuma bandeira ou emblema politico podia permanecer arvorado nos edificios de Sarrebrucken durante as votações. O quadro acima mostra-nos um funccionario do Centro dos Hitleristas retirando o pavilhão social. Os contraventores seriam rigorosamente punidos pela Policia Internacional.

Tres soldados do contingente policial do Sarre, munidos de suas carteiras de identidade, esperam o momento da chamada para votar. Todo mundo em Sarrebrucken não deixou de cumprir com seu dever civico. Até os doentes e os presos.

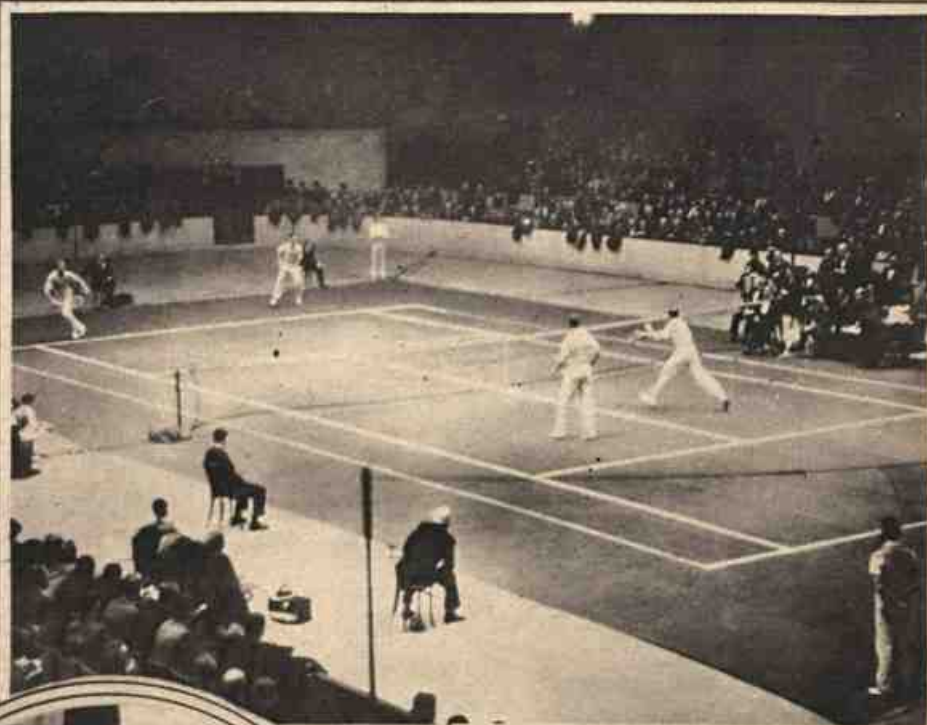
A urna onde eram depositadas as cedulas dos votantes. Ao lado, o architecto Walter Kruspe, que a construiu especialmente para a cerimonia. E' mais uma reliquia historica, e irá para um museu allemão, provavelmente, "par droit de conquête".

O edificio, em Sarrebrucken, onde os eleitores votaram e onde foram affixados os resultados do Plebiscito, dando ganho de causa á Allemanha por uma maioria de 800 mil votos, como os leitores devem estar lembrados.

O MUNDO

EM LIBERDADE — Mike Schmidt (ao centro) e Carl Erikson (á direita) que acabam de ser postos em liberdade em recompensa do serviço que prestaram á sciencia submettendo-se a experiencias de um virus contra a tuberculose. Arriscaram a vida em proveito do seu semelhante.

UM DESASTRE DO AR — Destroços do avião-postal que cahiu, em chammas, num bosque, nas proximidades de Sunbright (Estados Unidos). A mala compunha-se de cartas e postaes de boas-festas. O piloto era Russell Riggs.

NOIVADO DE PRINCIPES — Beatriz, filha de Affonso XIII, e seu noivo, D. Alexandre Torlonia, filho do principe Torlonia, de Roma, e da Sra. Elsie Moore, filha de um banqueiro norte americano, de Brooklyn. Acham-se actualmente na capital da Italia.

PARTIDA DE TENNIS — George Lott e Lester Stoefen fizeram sua estréa como tennistas profissionaes no Madison Sq. Garden (N. York) A partida durou quatro horas e os novos profissionaes da "raquette" foram batidos, num "double" renhido, por William Tilden e Vines. O score foi 3-6, 14-16, 13-11, 8-6, e 6-4.

MOVIMENTO DIPLOMATICO — O Sr. Francisco Castillo Najera, representante do Mexico na Liga das Nações e que, consta, será nomeado Embaixador nos Estados Unidos em substituição do Sr. Roa, cujo estado de saude é precario.

EM REVISTA

REVISTA MILITAR NA ZONA DO SARRE — Inspecção, na zona do Sarre, do contingente italiano, pelo Sr. Geoffrey Knox, alto commissario da Liga das Nações. Acompanha-o o major-general Brind, commandante do Exercito Internacional da Paz.

O ANNO NOVO EM N. YORK - Milhares de pessoas affluiram á Broadway para assistir á entrada do Anno Novo. Ronqueiras, foguetes e sirenas ensurdeceram o ar, emqaunto o velho partia para sempre lançando um ultimo olhar á "Cafeteria Hector", onde tantos cocktails absorveu, sorrindo...

UM GRANDE SINISTRO MARITIMO — O "Havana" deu nos arrecifes das ilhas Bahamas, sossobrando. Os passageiros foram conduzidos para bordo do "Peten" num barco salvavidas. E' o que se vê aqui.

GANGSTERS EM ACTIVIDADE — Um bando de gangsters, de que fazia parte o celebre negro "Judge Lynch", assaltou uma casa em Shelbyville, tentando apossar-se de uma menina de 14 annos. Perseguidos pelos guardas nacionaes, que fizeram fogo sobre os bandidos, estes incendiaram a casa.

AS MÃES ISLANDEZAS — Vocês nunca viram um habitante das ilhas Galapagos... Pois bem, para matar-lhes a curiosidade, apresentámos uma senhora islandeza com seu filhinho ao collo. Não são differentes dos demais... Esta é a primeira photo tirada naquellas paragens longinquas e deve-se ao Sr. Kancock.

DR. GASTÃO GUIMARÃES

O Dr. Gastão Guimarães, Director da Assistencia Municipal, por occasião de seu anniversario natalicio, foi carinhosamente homenageado, pelos funccionarios da Assistencia e jornalistas ali acreditados. As photos ao alto mostram o interventor, Dr. Pedro Ernesto, quando chegava áquelle estabelecimento hospitalar e, em baixo, quando o Dr. Floriano de Lemos proferia o seu discurso.

UMA NOVA CASA DE PIANOS

Aspecto da inauguração da Casa dos Pianos "Brasil", á rua Uruguayana, 91, estabelecimento fundado pela S. A. Fabrica de Pianos Nordelli.

Concurso de Cartazes do Casino Atlantico.

O desenhista Martins Vidal, que obteve o 1º logar no concurso de cartazes para os grandes bailes de Carnaval do Casino Atlantico.

O galante Olmar, filho do casal Mario Rosa de Lima residente em São Sebastião do Paraiso.

Uma linda fantazia para o Carnaval

O numero de Fevereiro do bello figurino *Moda e Bordado* publica, como um verdadeiro presente ás creanças, o molde de um lindo kimono chinez, que constitue interessante phantasia para o Carnaval.

Para confecção do bellissimo kimono são precisos 1,m20 de tecido para o paletot e 1,m60 para a calça, em fazenda de 0,m80 centimetros de largura.

O molde pode-se augmentar ou diminuir quando fôr precizo.

— Para tirar o molde, colloca se uma folha de papel fino por cima do desenho e copia se cada parte do mesmo separado. Como de costume collocam-se as diversas partes na fazenda — fio direito — e marca-se esta em volta do molde com alinhavo. Augmenta-se na fazendo para as costuras e arma-se na marcação.

Adquiram, pois, o numero de Fevereiro de *Moda e Bordado*.

Senhora

SENHORITA...

Eis uma pagina destinada aos pequenitos.

O Carnaval, a mais popular das "paradas nacionaes", é tambem a festa da gente meúda.

Meninos e meninas enthusiasmam-se pelos dias do reinado de Mômo como gente grande.

E ficam radiantes os minusculos "pierrots", as dengosas *colombinas*, a morenita "cigana", o arrojado "cow-boy", a "dansarina" vestida de tulle azul, "o escaphandrista", o "gato felix", o "ratinho curioso", bailando sambas e marchinhas, contentes, felizes, descuidosos, passando por uma phase que é a melhor da vida inteira.

Assim, esta pagina é para aos pequeninos devotos de rei Carnaval.

Sorcière.

DE TUDO UM POUCO

NOTA CINEMATICA

São da senhora de Joseph von Sternberg as seguintes palavras a respeito de Marlene Dietrich: "Uma joven allemã, de olhos azul do mar, olhar incomprehensivel, ás vezes sobrecarregado desse fluido mysterioso que enlouquece de paixão os sêres do sexo masculino".

Realmente Marlene tem sido discutidissima em Hollywood. A' sua chegada lhe deram certo ar de dama antiga, descobriram-lhe um véo de tristeza nos grandes olhos azues. Depois foi a maravilhosa creatura de labios de coral e cólo de marfim, ardente e apaixonada, o corpo symbolisando as excellencias do amor material, a imagem inteira, porém, reflectindo um mundo superior de idealismo...

"Cantar dos cantares", "A Venus loura", "Deshonrada", "Marrocos", "A Imperatriz Galante" — Marlene alcançou reputação mundial como artista, personalidade cuja belleza explendida nem as calças do seu traje masculino consegue disfarçar.

A estréa sensacional da linda allemã se déra em "O Anjo Azul", com o famoso Jannings.

Joseph von Sternberg já desesperava de encontrar a heroina sonhada, uma "ruiva de olhos chammejantes de odio", quebrados de ternura, luminosos de sensualidade...

Viu-a num theatro de Berlim, onde representavam "Zwei Kravatten".

Marlene veiu á scena. Com passadas molles, mãos nos quadris, andou até o centro do palco, olhando em torno com tristeza. Sternberg, virando-se para a esposa disse-lhe:

— Eis a creatura ideada. Deus! que maravilhas a farei produzir!

Chapéo novo.

MARÇO

(Belmiro Braga — do livro "Rosas")

Porque te arrufas, caprichosa? Espera!
Descem os rios cheios
E vae o Inverno e vem a Primavera
Com suas flores e com seus gorgeios.

Que grande semelhança não existe
Entre este mez e nós,
Quando triste me falas e eu mais triste
Te falo sem ouvir a propria voz!

Que tristeza, meu Deus! Continuamente
A Natureza chora:
Assim é tua bocca rescendente,
Orphã dos risos como a vejo agora.

Sorri, pois, meu amor. O teu sorriso
Transforma o nosso lar
Num Paraizo eterno e ao Paraizo
Aves, flores e sol hão de voltar.

PERFUME

O perfume é uma seducção que fala aos sentidos e ao espirito. O perfume é a revelação da presença, da alma, do encanto. E' uma das armas subtis da mulher. O perfume requinta a belleza, aprimora a personalidade.

O perfume de resedá era a "ambrozia" de que lançavam mão as deusas da antiguidade para differir dos mortaes.

A mulher franceza perfumava-se innocentemente, com saquinhos contendo plantas de cheiro misturadas a petalas de rosa escarlate, alecrim, mangericão, violetas, raizes de iris, "lavande" das montanhas. Perfumava a roupa assim, perfume que se impregnava no corpo tambem.

"Os "croisés" levaram á França essencia de rosa e grãos de almiscar.

Curiosas sempre, as mulheres principiaram a desvendar os segredos da belleza, procuraram receitas de mistura de hervas, de flores e de essencias, combinando, assim, perfumes violentos e aromas suaves.

Que tacto e gosto requer a feitura de um perfume! Os de agora, compostos pela chimica, são innumeros e esplendidos.

Essencias de hoje fazem parte da vida de uma mulher como o repouso, o regimen alimentar, o "flirt" e os vestidos "modelo".

No emtanto, escolher um perfume é tarefa séria. Porque, o que vae na morena de pelle oleosa não irá na pelle secca de outra... morena. O perfume que realça o odor delicioso da pelle bem cuidada de uma mulher **café com leite**, não é, de geito algum, o indicado para uma loira de nascença. Não se esqueçam tambem as loiras exygenadas de que o perfume applicado numa de facto de maneira alguma lhes vae.

Ha misturas deliciosas em materia de perfumes.

O perfume póde servir de amuleto, quando bem escolhido, quando empregado com justeza. Perfumem-se todas.

Mas saibam que não devem usar a essencia que a "vizinha" usa com tanta felicidade. A pelle da vizinha não é egual á nossa...

Blusa de seda escosseza.

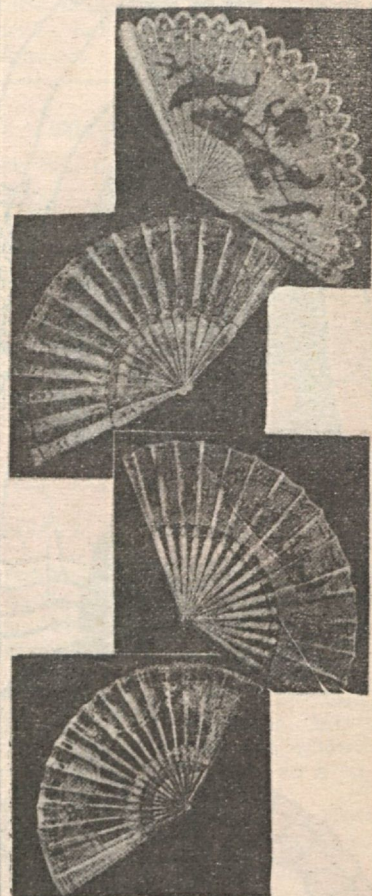
Arte japoneza

O LEQUE

Hoje é quasi uma reminiscencia. As mãos das faceiras não abandonavam, outr'ora, o gracioso adorno, mais um atavio, um motivo a mais aos gestos encantadores das creaturinhas do sexo bonito.

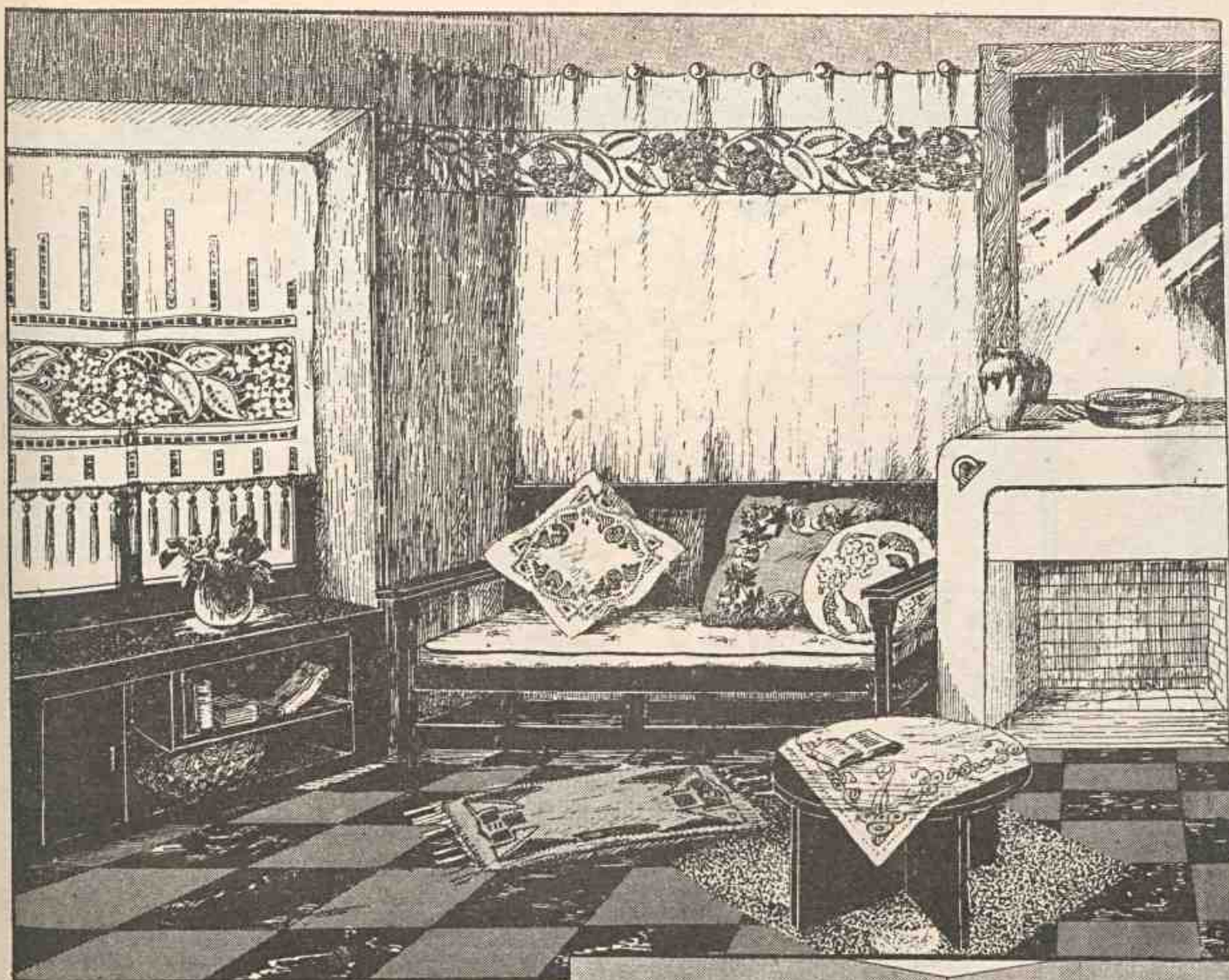
O leque, no momento que passa, é todo de plumas, de palhetas de crystal, bordados a lantejoulas, para de noite — companheiro dos vestidos de grande "toilette". Mesmo assim não chega a dar a uma sala de baile aquella impressão de borboletas immensas adejando de manso pela cabeça, no hombro nú das damas de alta roda.

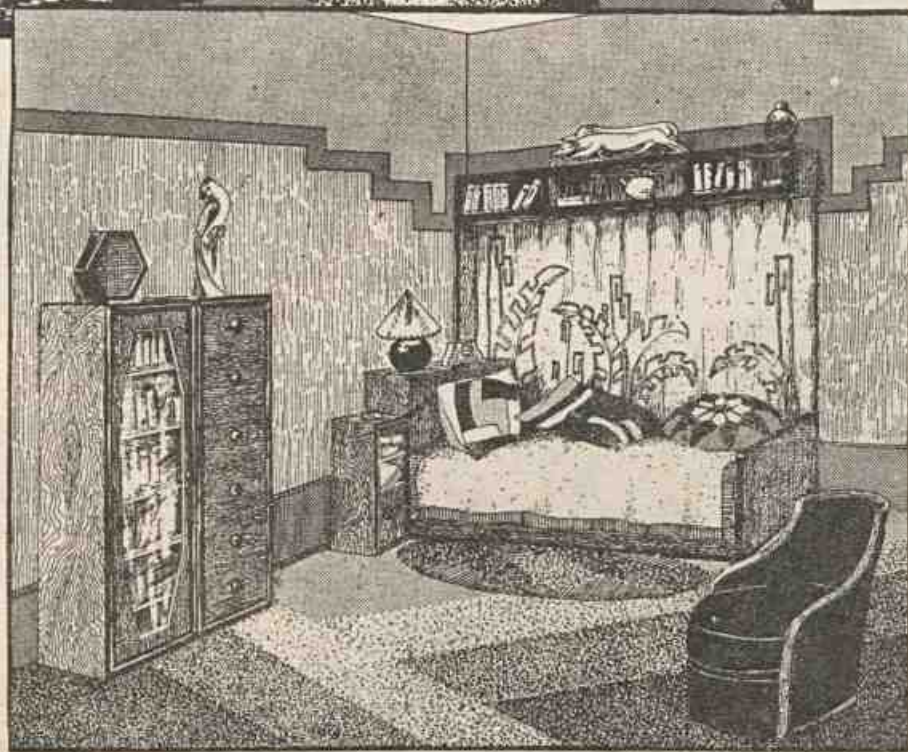
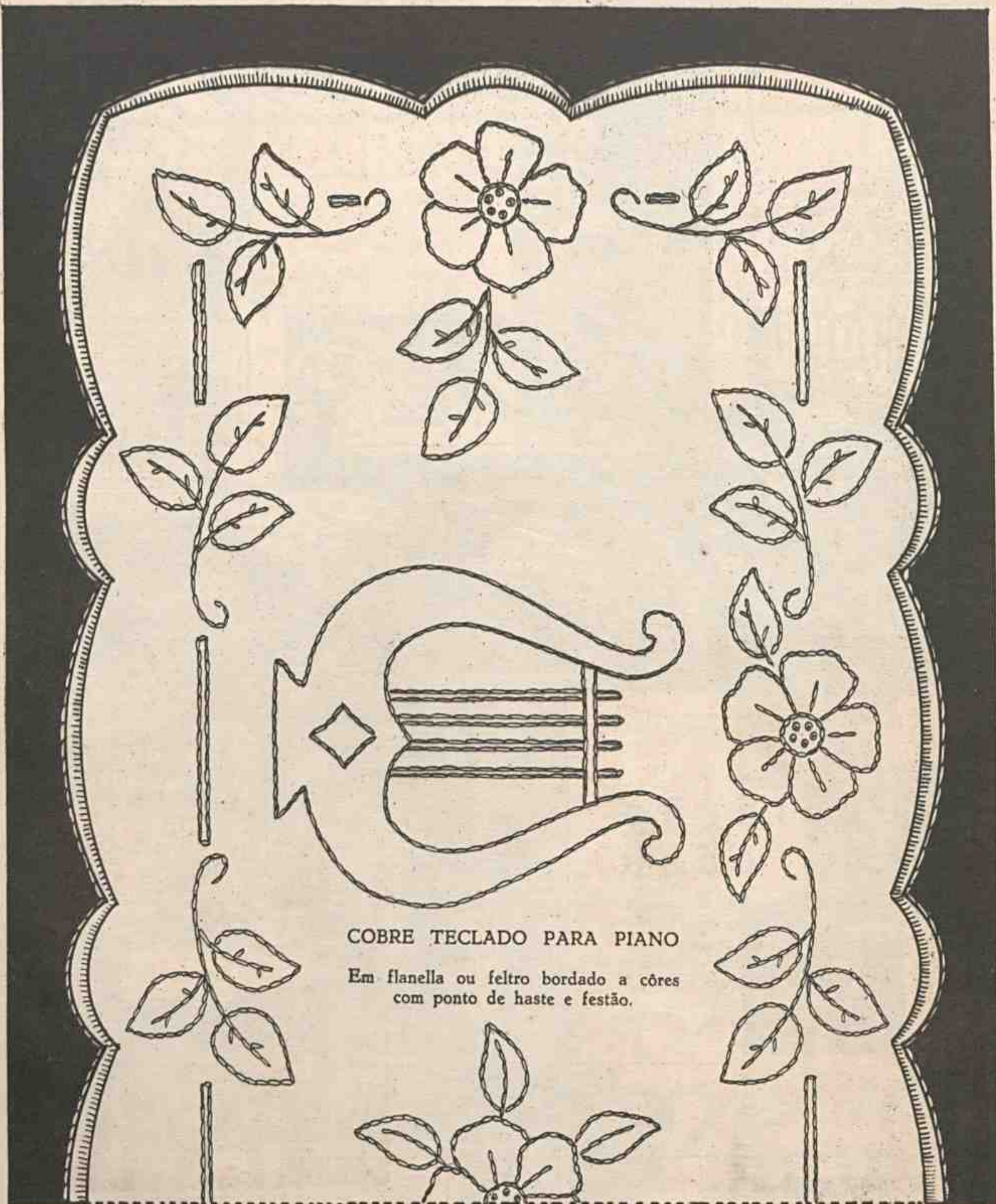
Ao leque até se emprestou linguagem que os namorados decoraram. Cada movimento, cada expressão: definindo uma esperança... communicando um embaraço...

Aqui temos um leque Luiz XVI, de rara originalidade. Todo elle é feito de

papel, cada palheta de madeira com ponta de ouro em circulo, aves do paraiso traçadas por delicado pincél, em coloridos brilhantes, dispostas com arte.

O maior é do tempo de Luiz XV, montado em marfim, aquarella de tons suaves na gaze transparente sobre as palhetas, finos pedaços de metal em recórtes completando-lhe o adorno, uma das caracteristicas da epoca.

Um leque de gaze escarlate com flores de aço, varetas de madreperola tinturada de escarlate fraco.

Um leque chinez, de bom gosto ainda, com bordados scintillantes. E um especimen perfeitamente "Empire": metade forrado de gaze dourada, metade de "taffetas" branco bordado a palhetas ouro vivo.

Decoração da casa

"LIVING ROOM" — Mobilia escura, cortina "sable", bordada, na janella, emmoldurando o divan um "panneau" de "reps" verde folha, bordados "beige" areia. O mesmo "reps" como forro do divan.

COBRE TECLADO PARA PIANO

Em flanella ou feltro bordado a côres com ponto de haste e festão.

MERLE
OBERNE
outra Andalusa magnifica

AS ESTRELLAS DO CINEMA NUM "BAL DE TÊTES"

Uma linda enfermeira tambem serve
FAY WRAY
"Columbia Pictures"

"Princesse Lointaine (Ufa)

"Georgette" (Ufa)

Figura de Opereta (Ufa)

"Robe de chambre" de setim preto, cordão de prata na gola.

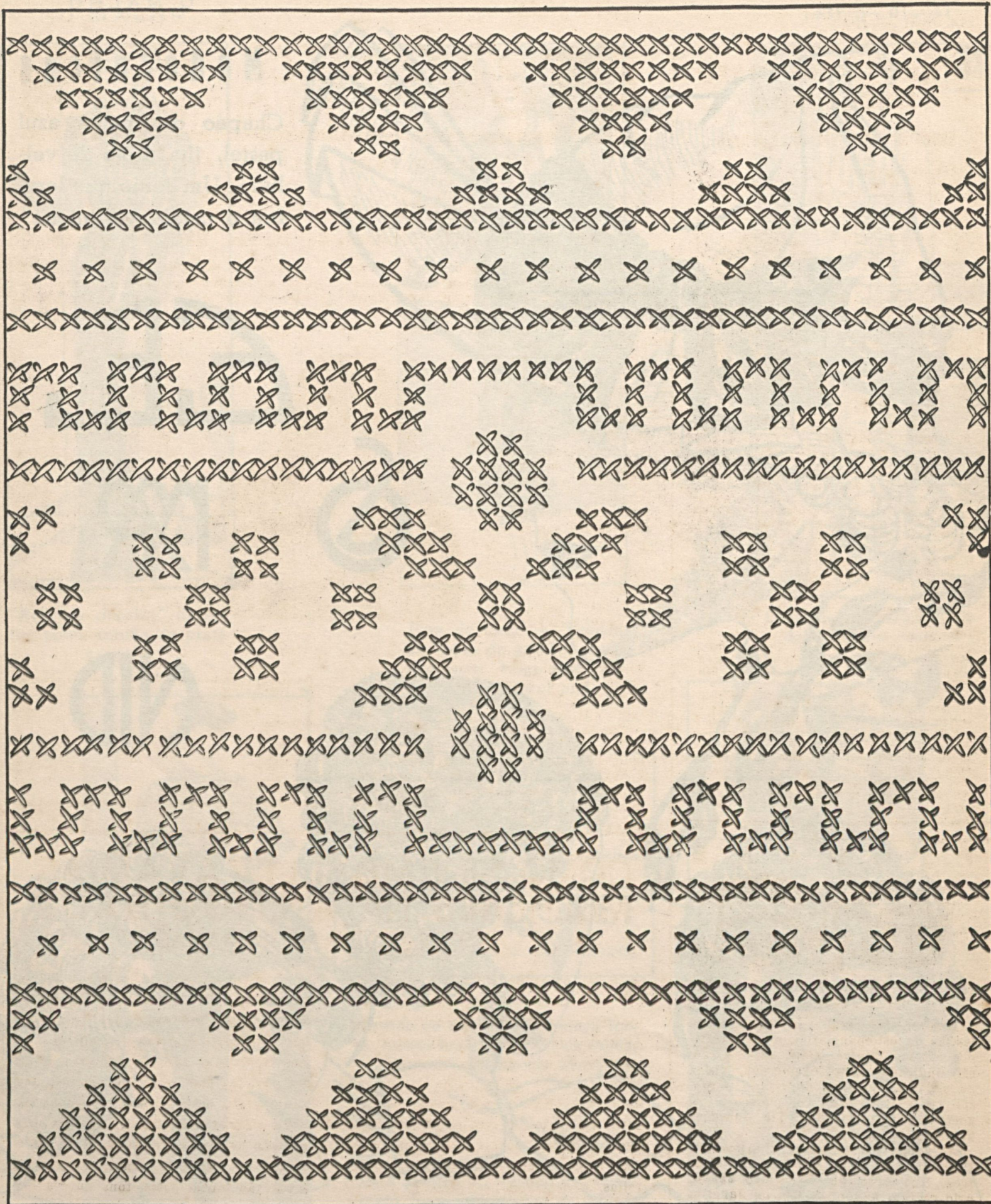
Para de tarde — Vestido de "peau de gazelle" marinho, gola "beige rosé" estriada de azul anil.

Camisola de cambraia verde, bordados finos, a branco.

Vestido de rua — Saia branca forte, casaco branco listrado de verde, "marron" e amarello morto.

Para de noite — Vestido de "faille" preto fosco, guarnições de velludo preto brilhante.

Chapéo de palha azul pastel, fita preta de velludo. Um feitio que lembra o celebre "Miniche"

Penteados para vestidos de cauda e decote

Barra para panno de mesa — Ponto de cruz

Belleza e MEDICINA

O uso de sabonetes

DR. PIRES

(Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris e Vienna)

Muito se tem discutido sobre o emprego de sabonetes para a lavagem da pelle. Ha quem condemne systematicamente lavar a cutis com sabão. Realmente reina uma certa confusão, principalmente entre o elemento feminino, da conveniencia ou não da lavagem do rosto com sabonete.

Entretanto, em muitas doenças ou mesmo em algumas qualidades de pelle é necessidade imperiosa o uso do sabonete.

Muitos sabonetes são fabricados, facilmente, em combinação com substancias medicamentosas, taes como acido salicylico, enxofre, sublimado, etc., cujas propriedades therapeuticas ninguem ignora.

Para a limpeza diaria da pelle é conveniente o emprego, sómente, de sabão neutro, isto é, os que não contêm alcali livre, pois, do contrario, podem prejudicar e queimar a cutis.

Em dermatologia os sabões são empregados, geralmente, para as pessoas cuja pelle não supporta pomadas, etc. Para a hygiene diaria da cutis, ou melhor, para a lavagem do rosto ha algumas qualidades de pelle que necessitam o emprego de sabonete, e outras em que não se recommenda usal-o. Sendo assim, só após o exame da qualidade da pelle podemos saber se convem ou não a lavagem diaria do rosto com sabonete e qual o que se deve preferir.

UMA INFORMAÇÃO GRATIS

As nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre hygiene, cabellos e demais questões do embellezamento, ao medico desta secção, Dr. Pires.

As perguntas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do coupon abaixo e dirigidas ao DR. PIRES — Redacção d'O MALHO — Travessa do Ouvidor, 34 — Rio.

BELLEZA E MEDICINA

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Estado ....

COMO SE EMBELLEZAVAM AS MULHERES NA ANTIGUIDADE

AS GREGAS E AS ROMANAS

As mulheres da Hellade e de Roma seguiam a moda das egypcias e das hindús, em materia de embellezamento. As gregas faziam seus cabellos ficar reluzentes como o sol e olentes qual um roseiral. Entre os meios de que se valiam para obter o tom ruivo, o mais usual era o de lavarem os cabellos com agua collada; depois, friccionavam-os com uma pomada, feita de flores amarellas, e deixavam-os a seccar.

As romanas tinham os cabellos negros, em geral. As cabelleiras louras eram menos usadas. As que tinham os cabellos brancos ou grisalhos adoptavam o açafrão para tingil-os e dar-lhes uma tonalidade de ouro vivo. O louro, entretanto, tambem se obtinha por outros processos, em que entravam residuos de vinagre e oleo de lentisco e succo de certa especie de maçã. A seguir á conquista da Germania, o louro tornou-se a côr predilecta das damas do Lacio. O poeta Martial aconselhava que "os cabellos se faziam rutilantes desde que, lavados, com o sabão caustico dos Teutões", e Plinio preceituava que se podia alourar a cabelleira mercê de uma pomada composta de sebo de cabra e cinzas de faia. As senhoras romanas eram tão loucas pelos tons aureos brilhantes que, ás vezes, usavam perucas polvilhadas com pó de ouro.

As estatuas das filhas de Balbo exhumadas em Herculanum, conservam até agora, distinctamente, alguns vestigios da tinta vermelha que haviam posto em suas melenas.

(Conclue no proximo numero)

CONTEMPLADOS NO TORNEIO DA 53.ª CARTA ENIGMATICA

CAPITAL FEDERAL

Carlos Faraldo — Rua Dr. Bernardino, 42-c. 12 — Jacarépaguá.

E. D. Paraiso — Av. Rainha Elisabeth, 50 — Copacabana.

Carlos de Sá — Rua Barão de Iguatemy, 86-c. 1.

ESTADO DO RIO

Maria Helena — "Pharmacia Garcia" — Barra do Pirahy.

SÃO PAULO

Maria do Céu Nunes — Rua Marquez de Herval, 166 — Santos.

MINAS GERAES

Carlos S. Gomes — Rua Salinas, 239 — Bello Horizonte.

Romeu G. Silva — Escola Agricola — Barbacena.

BAHIA

Adelia Noblat dos Santos — Rua Joaquim Tavora, 46 Capital.

Marques do Porto — Rua Octacilio Santos, 12 Brotas — Capital.

PERNAMBUCO

Antonio de Queiroz Leite — Pesqueira.

A solução exacta do 53º torneio da Carta enigmatica.

Um proverbio arabe

Quem sabe e não sabe que sabe, está dormindo
— Desperta-o!
Quem não sabe que não sabe é uma alma simples!
— Ensina-o!
Quem não sabe e não sabe que não sabe, é um tonto.
— Desdenha-o!
Quem sabe e sabe que sabe é um sabio.
— Siga-o!

CARTA ENIGMATICA

A um grande poeta nosso pertence os versos do presente torneio.

As soluções devem ser enviadas á nossa redacção — Travessa do Ouvidor, 34 — Rio, até o dia 16 de Março, data do encerramento deste concurso. Na nossa edição do dia 28 de Março apresentaremos o resultado do sorteio precedido, sendo distribuidos entre os concorrentes que nos enviarem as soluções certas e acompanhadas do "coupon" respectivo, *Dez* premios magnificos.

As soluções deste concurso devem vir separadas de qualquer outro trabalho e por fóra do enveloppe deve conter a indicação: *Carta Enigmatica.*

CARTA ENIGMATICA

Coupon n. 56

Nome ou pseudonymo .. ..

.. ..

Residencia .. ..

.. ..

RECORDAÇÃO FATAL

Contam que, certa vez, um monge penitente,
Sózinho, em sua cella, estando a orar, absorto,
Sentiu queimar-lhe o peito, allucinadamente,
Uma chamma do amor que elle pensava morto.

O pobre cenobita ergueu o olhar tremente,
Do olvido a Deus pedindo o bonançoso porto
Onde acalmar pudesse o seu martyrio ingente
E dar-lhe, em vez de magua, um pouco de conforto.

Foi debalde, porém, a supplica do monge...
Aquelle amor cruel que elle julgava longe
De subito, acordando, o coração lhe encheu...

E o misero recluso a se estorcer, chorando,
A fronte foi pendendo e o corpo foi dobrando
E, a murmurar um nome, em extases morreu!...

A. LOUREIRO SOUZA

Qual é a natureza da divindade? É a intelligencia, a sciencia, a ordem, a razão. Por ahi podes conhecer qual a natureza do teu verdadeiro bem, que só n'ella se encontra. — *Epicteto.*

CINEARTE está publicando modelos de fantasias para o Carnaval

MEU LIVRO de HISTORIAS
Está de parabens o mundo das creanças com um acontecimento sensacional. Esse acontecimento é a publicação de um livro, verdadeira maravilha, todo illustrado, todo colorido, acondicionado em primorosa caixa de phantasia, constituindo o mais bello presente para as creanças. Esse livro que será o encanto de todos os pequeninos chama-se "MEU LIVRO DE HISTORIAS". Nelle figuram contos patrioticos, contos de fadas, contos historicos, lendas religiosas que encherão de alegria os corações juvenis. "MEU LIVRO DE HISTORIAS" será o mais bello serão das noites no lar. "MEU LIVRO DE HISTORIAS", que é edição da Bibliotheca Infantil d'O TICO-TICO, Travessa do Ouvidor, 34. Rio de Janeiro, está á venda, pelo preço de 20$000 em todo o Brasil.
walter maya